

WELINGTON RICARDO MACHADO DA SILVA

MUSEU, EXPOSIÇÃO E CIDADE:

O caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Porto Alegre, RS



Porto Alegre
2015

WELINGTON RICARDO MACHADO DA SILVA

MUSEU, EXPOSIÇÃO E CIDADE:

O caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Porto Alegre, RS

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Zita Rosane Possamai

Porto Alegre
2015

MUSEU, EXPOSIÇÃO E CIDADE:
O caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Porto Alegre, RS

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado pela banca examinadora 9 de dezembro de 2015.

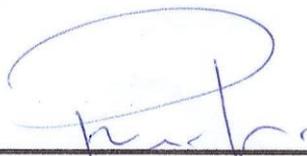
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dra. Zita Rosane Possamai (Orientadora) – UFRGS



Prof. Marlise Maria Giovanaz – UFRGS



Prof. Pedro Rubens Nei Ferreira Vargas – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

“Sente o drama.
O preço, a cobrança
No amor, no ódio
A insana vingança
Negro drama
Eu sei quem trama
E quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fudido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue
Sirene, choros e vela”
Racionais MCs - Nego Drama

AGRADECIMENTOS

O processo de formação é algo contínuo, árduo e gera muitas recompensas. Desde que a primeira faísca de vida surge em nosso corpo estamos expostos a situações que nos fazem romper barreiras e evoluir com isso. Algumas dessas barreiras conseguimos superar de maneira autônoma, com a habilidade humana do conhecimento e/ou com nossas aptidões biológicas. Com certeza, estar hoje redigindo esta monografia não se enquadra nas barreiras que superei sozinho.

Devo, primeiro de tudo, lembrar-me e agradecer aos meus pais, Maria do Carmo da Silva Machado e Adriano Ricardo Batista da Silva, por sempre acreditarem que a educação poderia ser o elemento-chave para uma mudança social e de perspectiva em minha vida e na do meu eixo familiar. Sou o primeiro membro de toda a minha família a alcançar o nível superior de ensino e também, provavelmente, serei o primeiro a concluí-lo. Isso se deve com certeza à preocupação constante de me manter vinculado a instituições e rotinas educacionais que pudessem me estimular sempre a dar um passo à frente. Estudo na rede pública de educação desde os meus três anos de idade e todas estas instituições e profissionais do magistério que permearam minha trajetória foram fundamentais, seja como exímios exemplos de seres humanos, seja por um exemplo negativo de posturas que eu não deveria tomar futuramente.

Citar um por um aqui seria inviável; destacarei alguns que tenho especial carinho e lembrança como o meu professor de História do Ensino Fundamental, chamado Carlos, e da professora Sônia Stein, das cadeiras de didática durante o período em que cursei o magistério.

Para além dessas instituições e destes profissionais, preciso destacar sempre as pessoas que me ensinaram nas ruas de Viamão a ser quem eu sou hoje; amigos que guardo no peito como joias de minha trajetória, como: Jeyson, David, Rodrigo, Dudu e Marcel.

Já na faculdade, seja por seus corredores ou pelas atividades profissionais, tive a oportunidade de conhecer mais uma série de pessoas, que são fundamentais para manter meu sorriso e minha motivação para brindar o dia de amanhã, como Gil, Grazi, Ludimila, Júlia, Rosângela, Rodolfo, Paulo, Elias, Zé, Natália, Zíngaro, Eroni, Isabel, Jeanne, Eduardo, Victor, Yasmine, Bernardo, Leo, Camila, Wagner, Federico, Gabriela, Helena, Stephanie, e muito mais.

Preciso destacar o ambiente do curso de Museologia que sempre me acolheu e be Destaco algumas pessoas que são fundamentais neste processo, em primeiro lugar ... pessoa que desde o primeiro dia de aula sempre me inspirou e que tenho enorme carinho, a professora Lizete; destaco também as professoras Zita, Marlise e Carol que sempre serão exemplos para mim de competência, sabedoria e comprometimento com seus alunos.

Agradeço aos museus e seus profissionais que me acolheram nos diversos estágios e atividades e serviram de laboratório para o meu desenvolvimento profissional. Destaco, em primeiro lugar o Museu de Porto Alegre; em seguida, o Museu da República e o Museu do Sport Club Internacional.

Deixo meus cumprimentos e agradecimentos a todo o corpo técnico da FABICO, sobretudo à Ana Maria, ao Elias e à Josi pelo excelente trabalho prestado no auxílio de todos os alunos. Estendo o cumprimento aos profissionais terceirizados que, embora não tenham condições adequadas para trabalho, sempre trataram a mim de forma simpática e atenciosa.

Agradeço novamente à professora Zita Possamai pelo grande auxílio ao longo do processo de orientação do trabalho e também aos professores Pedro Vargas e Marlise Giovanaz por terem se disposto a comporem a banca de avaliação deste meu singelo trabalho.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao meu maior motivo de viver, ao meu muso inspirador Victor Ricardo Machado da Silva, meu irmão mais novo, que todos os dias em seus mais singelos gestos me faz querer viver, cuidá-lo e amá-lo mais.

Por causa de cada um/a de vocês essa batalha valeu a pena, para cada um/a de vocês dedico este trabalho. Tenham total certeza que ele só foi possível por conta de suas participações.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo registrar e analisar as exposições de longa duração realizadas no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, entre os anos de 1995 e 2015. O período corresponde à abertura da exposição *Porto Alegre uma história em três tempos* e vai até os dias atuais com as exposições *Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montauray a Loureiro* e *O Solar que virou Museu: memórias e histórias* que ainda se encontravam em exposição no desenvolvimento desta pesquisa. Esta delimitação é fruto da possibilidade de cruzamento das fontes selecionadas para consulta, que foram definidas a partir da metodologia de uma análise documental qualitativa dos catálogos das mostras até a realização de entrevistas com membros do corpo técnico da instituição que estiveram atuando no Museu durante a concepção das mesmas.

Palavras-chave: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Exposição. Expografia.

ABSTRACT

This study aims to record and analyze the long-term exhibitions in the Museum of Porto Alegre, Joaquim Felizardo, during the years 1995 and 2015. The period corresponds to the opening of the exhibition “Porto Alegre, a story in three stages” and goes to the present day, with the exhibition “Urban Transformations: Porto Alegre from Montauray to Loureiro” and “The solar turned into Museum: memories and stories” that were still on display, during the development of this research. This limitation is the result of the chance of crossing the selected sources, which were defined by the methodology of qualitative document analysis of catalogs of exhibitions to the institutional staff, who have been working at the Museum during the design of the exhibitions.

Keywords: Museum. Museum of Porto Alegre. Exhibition. Expography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Planta baixa com a disposição da exposição Porto Alegre uma história em 3 tempos - planta baixa do Solar Lopo Gonçalves.....	22
Figura 2: Planta baixa com a disposição inicial da exposição Transformações Urbanas - planta baixa do Solar Lopo Gonçalves.....	27
Figura 3: Planta baixa com a disposição a partir de 2011 da exposição Transformações Urbanas - planta baixa do Solar Lopo Gonçalves.....	28
Figura 4: Atual sala 1 – Transformações Urbanas.....	30
Figura 5: Foto do corretor expositivo.....	31
Figura 6: Foto da sala número 3 após a intervenção (in)visibilidades indígenas	36
Figura 7: Locais onde foram feitas as intervenções realizadas na exposição Transformações Urbanas - planta baixa do solar.....	37
Figura 8: Localização da exposição O Solar que Virou Museu - planta baixa do Solar.....	39
Figura 9: Fotografia da sala da expositiva.....	40
Figura 10: Posicionamento dos painéis exposição O Solar que Virou Museu - planta baixa do Solar.....	41
Figura 11: Dispositivos óticos presentes na exposição O Solar que Virou Museu.....	42
Figura 12: Maquete tridimensional posicionada na exposição <i>O Solar que Virou Museu</i>	44
Figura 13: Primeira parte da linha do tempo presente no catálogo, página 6.....	45
Figura 14: Segunda parte da linha do tempo presente no catálogo, página 17.....	46
Figura 15: Terceira parte da linha do tempo presente no catálogo, página 20.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO	13
3 EXPOSIÇÕES: marcas de uma trajetória	19
3.1 Porto Alegre: uma história em 3 tempos	20
3.2 Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro	26
3.3 O Solar que virou Museu: memórias e histórias	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54
ANEXO A – Convite para a 9ª Primavera dos Museus no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo	56
ANEXO B – Capa do catálogo Porto alegre uma história em 3 tempos	57
ANEXO C – Capa do catálogo Transformações Urbanas:	
Porto Alegre de Montaury a Loureiro	58
ANEXO D – Capa do catálogo O Solar que virou museu: memórias e histórias ...	59
APÊNDICE A – CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO	60
APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS	61

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, investigo as exposições de longa duração concebidas no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo¹, apresentadas ao público entre os anos de 1995 e 2015.

O Museu de Porto Alegre é uma instituição que possui tradição no setor cultural da capital gaúcha, estando próxima do seu 40º aniversário. Fundado no ano de 1979, o Museu é fruto de um desejo antigo das pessoas vinculadas ao setor cultural e à administração pública da cidade, tendo como grande marca, e potencializador de criação, o Solar Lopo Gonçalves – prédio construído no fim da primeira metade do século XIX, inventariado como patrimônio histórico da cidade desde o ano de 1976. É a partir desta data, também, que a edificação está diretamente relacionada ao ideal de receber um Museu para a Capital, o que efetivamente ocorreu no ano de 1982, permanecendo nesse local até os dias de hoje.

Durante seus 36 anos de existência, a Instituição sempre apresentou exposições, sendo esta a sua atividade mais antiga de interação com o público. Em suas primeiras décadas, a trajetória expográfica conta com realizações pontuais, desvinculadas de uma missão mais ampla que organizasse o Museu e com uma periodicidade mais curta, o que ocasionava uma transitoriedade maior de realizações. Contudo, nas duas últimas décadas, é possível perceber que a Instituição se insere em uma lógica mais adequada aos parâmetros recentes da organização de museus e, por consequência, suas atividades acabam sofrendo transformações. As exposições de curta duração vão perdendo espaço do ponto de vista físico – no interior do Solar – e de realização – por parte da equipe. As exposições de longa duração acabam ficando em evidência e ganhando visibilidade, sobretudo do ponto de vista político e administrativo nas gestões que fazem parte da história recente da Instituição.

Durante o ano de 2015, fui estagiário do Setor de Arqueologia do Museu, onde tive uma inserção no cotidiano da Instituição e pude refletir, a partir desta interação, sobre aspectos presentes nas exposições que me suscitaram muita curiosidade, sobretudo do ponto de vista conceitual das mesmas. A partir desses questionamentos, defini como objetivos da pesquisa o registro pontual da ocorrência das exposições de longa duração e a análise das mesmas do ponto de vista de suas narrativas, presenças e ausências. Estes objetivos nortearam meu processo de investigação na busca de solucionar o meu

¹ Identificado ao longo deste estudo como Museu de Porto Alegre.

problema de pesquisa, que foi: como se configuraram as exposições de longa duração realizadas no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo em relação à sua narrativa e a sua materialidade?

Para responder a este problema e desenvolver este trabalho, foi necessário, além da consulta de algumas fontes, reforçar, através de leituras e debates, marcos teóricos da expografia e da Museologia como um todo. Estes, embora não apareçam diretamente ao longo do decorrer do trabalho, operaram como pressupostos teóricos fundamentais. Desde o vocabulário com terminologias mais específicos da Museologia (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013), passando por pressupostos mais gerais concernentes a formulações mais modernas que definem o museu enquanto agência da história e da memória (MENESES, 1994, p.40) e, por consequência, como potente elemento para a transformação política e social dos mais variados grupos (CHAGAS, 2000, p.15). Também foram fundamentais a aceção de Museu de Cidade (POSSAMAI, 2001b, p.64); a visão das exposições enquanto processos centrais de operações que iniciam antes da concepção e vão até depois de sua montagem (CURY, 2005, p.48), servindo aos museus como potente instância na conjugação entre pessoas e objetos (SCHEINER, 2013, p.2).

A metodologia definida para o percurso investigativo derivou da escolha das exposições de longa duração, definidas, assim, pela intenção de durabilidade no cotidiano institucional. Além disso, por estas corresponderem ao período mais recente na trajetória do Museu e possuírem formas de registro mais consistentes para os interesses desta pesquisa em relação às realizações expográficas mais antigas e de curta duração. Três exposições atenderam a estes critérios, foram elas: *Porto Alegre uma história em 3 tempos*, *Transformações Urbanas Porto Alegre de Montaury a Loureiro* e *O Solar que Virou Museu: memórias e histórias*².

Ao realizar um levantamento de possíveis fontes de pesquisas a serem consultadas, deparei-me com modesta variedade. Acabei optando em privilegiar os materiais que fossem comum às três exposições, como os catálogos expositivos e publicações que pudessem me fornecer pistas de sua montagem. No caso da exposição *Porto Alegre em 3 tempos*, um artigo publicado no livro *A memória cultural em uma cidade democrática*, e nos casos das exposições *Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro* e *O Solar que Virou Museu: memórias e histórias* a sua visualização *in loco*, tendo em vista a falta de material escrito ou publicado sobre as mesmas.

² O título das exposições não possui a formatação em itálico, esta opção foi tomada por mim ao longo do trabalho para destacá-los ao longo dos parágrafos.

Julguei adequado, ainda, a realização de entrevistas semiestruturadas com o intuito de observar a relação do corpo técnico da instituição com a prática expositiva da mesma. A escolha dos entrevistados privilegiou aqueles servidores que trabalharam na Instituição durante a montagem das três exposições. Atendendo a este critério, foram encontradas duas funcionárias (coordenadora da Fototeca e coordenadora do setor de Arqueologia) e um funcionário (porteiro).

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos: o primeiro chamado de *Introdução*; o segundo se chama *O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo*, o terceiro *Exposições: marcas de uma trajetória* e o último chamado de *Considerações Finais*. Este é o primeiro capítulo, onde comprometo-me em fazer uma síntese do trabalho e elucidar o leitor das minhas propostas investigativas.

No capítulo dois, abordo um breve histórico do Museu de Porto Alegre. A partir das pesquisas realizadas, procuro apresentar a Instituição de modo a contemplar os bastidores de seu início até os dias atuais, promovendo *links* para o assunto que de fato é a base dessa pesquisa: as exposições.

No terceiro capítulo, detenho-me na pauta das três exposições de longa duração, realizadas no Museu nos últimos vinte anos. Procedo a uma descrição de cada uma delas, a partir das observações realizadas *in loco*, quando isso foi possível, e através das informações dos catálogos, textos e narrativas dos entrevistados nos demais casos.

Finalmente, no capítulo de *Considerações Finais*, debruço-me em apresentar os resultados evidenciados ao longo do processo de investigação, trazendo novamente alguns elementos que julguei importantes ao longo do exercício de pesquisa e tomando a liberdade de analisá-los em um tom mais particular.

Em âmbito geral, pretendo com a realização desse trabalho contribuir com o Museu de Porto Alegre ao ampliar e qualificar o registro, multiplicando o olhar sobre as exposições de longa duração e os materiais vinculados às mesmas.

2 O MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO

Analisar o fenômeno museu tem sido objeto de inúmeras áreas do conhecimento e linhas de pesquisa dentro do campo científico ao longo de mais ou menos dois séculos, em território nacional e internacional. Algumas dessas linhas de pesquisa propõem como ponto de partida a construção histórica do fenômeno, que tem sua raiz principal na perpetuação da prática colecionista concomitante à consolidação do desenvolvimento das civilizações ocidentais. Essas práticas se transformam com o tempo e alcançam seu formato moderno com a publicização das coleções papais e principescas, no final do século XVIII, cuja prática fundamental era a salvaguarda de coleções com vistas à pesquisa. A partir de então, é possível notar a disseminação do museu, alcançando seu apogeu no século XIX, em uma perspectiva europeia e estadunidense, e no século XX, ao notarmos a sua propagação em território brasileiro, ampliando suas perspectivas e calcando sua base operacional em uma tríade de preservação, pesquisa e comunicação – sendo cada um destes elementos ampliados em inúmeras práticas. (POULOT, 2009, p.127)

Embora a grande propagação dos museus em nível mundial tenha se dado durante o século XIX e em território nacional terem sido criados os primeiros museus também nesse século, o grande *boom* dos museus ocorreu durante o século XX, ampliando exponencialmente o número de instituições deste cunho. Foi neste contexto de consolidação do Museu enquanto ferramenta moderna e de grande ampliação na criação de seus exemplares no Brasil, que se dá a criação do Museu de Porto Alegre.

Para além deste contexto mais geral, este também é fruto direto de um amadurecimento na capital gaúcha que, gradativamente, foi evidenciando a necessidade de possuir um ambiente que formalizasse e possibilitasse a interação do cidadão com o passado. Durante este percurso, as menções mais antigas do ideal de criação de um Museu de Porto Alegre são da década de 1940, quando Nilo Ruschel, diretor do Departamento Central de Propaganda e Turismo do Bicentenário de Porto Alegre, adquire para os festejos e para a municipalidade as três mais antigas coleções fotográficas porto-alegrenses (POSSAMAI, 2001a, p.19). As coleções fotográficas *Barbeitos & Irmãos*, *Virgílio Calegari* e *Irmãos Ferrari* vieram a compor o Setor de Divulgação Histórica da Secretaria Municipal da Educação e Cultura, como espécie de arquivo fotográfico da cidade. A pesquisadora Zita Possamai ainda apresenta a importância que a construção de outras instituições de cunho museológico ao longo do país foram fundamentais:

A criação do Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro pareceu alimentar o desejo de ver criado, também na capital sulina, um museu daquele tipo. No final da década de sessenta, a ideia tomava corpo na administração municipal, sendo, inclusive, indicado como local considerado adequado para abrigá-lo o Solar Lopo Gonçalves, um casarão do século XIX, com características da arquitetura de influência luso-brasileira e um dos poucos remanescentes desse tipo de construção na cidade. (POSSAMAI, 2001a, p.19)

É possível notar que a relação entre um museu da cidade de Porto Alegre e o Solar Lopo Gonçalves já se apresentava desde as primeiras intenções de concepção do primeiro. Outros pontos na cidade chegaram a ser sugeridos durante este período, como o prédio da antiga Alfândega da cidade³. Essa relação de um possível museu da cidade ser sediado em um prédio histórico da mesma, foi fundamental para unificar uma pauta que ganhava força na capital gaúcha através do Movimento Preservacionista que, em meados da década de 1970, buscava um contraponto à progressiva modernização da malha urbana, com amplas realizações no setor viário. Este período, inclusive, é retratado textualmente na exposição *O Solar que Virou Museu: histórias e memórias*, atualmente montada no Museu de Porto Alegre:

Diante das transformações do espaço urbano na década de 1970, um grupo de intelectuais de Porto Alegre iniciou uma campanha em prol da preservação de prédios de significação histórica para a cidade. Em 1974, o Solar foi inventariado como um dos prédios considerados de valor histórico e cultural de Porto Alegre. Surgiu então a dúvida: O que fazer com esse imóvel? Seria o Museu da Imagem e do Som, como sugeriu Nilo Ruschel, ou o Museu da Cidade, como defendiam outros preservacionistas? (MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2011)

O debate sobre o patrimônio ganhou gradativa força no cenário local e a partir do processo de inventário do Solar, não demorou muito para que as hipóteses levantadas para o espaço passassem a ser alternativas reais para sua ocupação, como retrata novamente um texto apresentado na exposição *O Solar que Virou Museu*:

O movimento preservacionista colocou em discussão na imprensa local a necessidade de um espaço para guardar o passado histórico e a memória da cidade. Em 1978, uma comissão coordenada pelo historiador Moacyr Flores elaborou o projeto de criação de um Museu Histórico Municipal. Em 13 de março de 1979, o prefeito Guilherme Socias Villela criou o Museu de Porto Alegre, com sede à Rua Lobo da Costa, nº. 291, no bairro Cidade Baixa, com a finalidade de reunir, em um único espaço físico, o acervo

³ Um Velho prédio que pode ser o nosso museu. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, [s. p.], 16 jun. 1969.

histórico e cultural da cidade. O acervo do Museu de Porto Alegre originou-se do arquivo da prefeitura, no qual o historiador Walter Spalding reuniu documentos, mapas e objetos da história da cidade. (MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2011)

O Museu, enfim, nascia na capital. No entanto sua primeira sede não foi o Solar Lopo Gonçalves, que havia sido escolhido para sediá-lo no ano de 1976. No ano de 1979, após longo período de negociações, finalmente, o processo de permuta entre Governo Federal e o Governo Municipal pelo Solar era efetivado. A partir do ano seguinte, 1980, o mesmo começou a passar por processo de restauração, o que impedia de sediar o Museu de imediato. A transferência da estrutura do Museu para sua sede atual ocorreu, de fato, no ano de 1982, como apresenta o texto em sala expositiva:

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) assumiu a responsabilidade pela restauração do Solar. O projeto foi coordenado pelo arquiteto Nestor Torelly Martins. As obras tiveram início em 1980 e foram executadas pela firma Knorr, sob responsabilidade do arquiteto Edegar Bittencourt da Luz. Em 1982, o restauro foi concluído e o Museu de Porto Alegre foi então transferido para o Solar. (MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2011)

A partir de então, o Museu está aberto ao público ocupando os espaços do Solar. Podemos observar, a partir daí uma gradativa progressão nas atividades de cunho museológico desenvolvidas no Museu de Porto Alegre, centradas sobretudo na prática expográfica como principal uso dos acervos e do Solar, como indicou uma das entrevistadas desta pesquisa:

O museu teve exposições desde que chegou ao Solar. Eram exposições que ficavam por menos tempo. Exposições mais curtas. Como na época não se utilizava a internet, o principal meio para divulgar o museu e demonstrar o que estava acontecendo era através da abertura de exposições. Que eram noticiadas através de *releases* no jornal, por convite formal, mala direta... A mais bonita montada nessa época foi uma que reproduziu uma Fábrica da Neugebauer. O maquinário ficava no espaço senzala e era produzido um chocolate que era dado para os visitantes. A abertura foi belíssima, com um tapete vermelho que ia da porta de entrada do museu até o portão. (ENTREVISTADO A)

O início das exposições e da ligação entre Museu da Cidade e Solar Lopo Gonçalves promoveu a possibilidade de abertura daquela edificação histórica como local de mediação da população com o passado da cidade. Essa característica pode ser visualizada ao longo de toda a trajetória da instituição, dos mínimos detalhes até as realizações mais ostensivas. No entanto, é com o final da década de 1980 e início da

década seguinte que este ideal de revitalização dos espaços e convergência de abordagens do patrimônio entre o Museu de Porto Alegre e o Solar Lopo Gonçalves ganham força.

Parece-me fundamental destacar, em contexto geral, que o Partido dos Trabalhadores (PT) assume no ano de 1989 a Prefeitura de Porto Alegre através da figura do candidato Olívio Dutra e que, durante o período em que essa administração esteve à frente da Prefeitura, o panorama da política cultural adotado veio a contemplar alguns dos aspectos mais contemporâneos da teoria museológica em âmbito internacional, que por sua vez também atravessava período de efervescência por conta de novas abordagens teórico-metodológicas.

Uma abordagem possível para compreendermos o cotidiano da Instituição é organizá-lo através da apresentação de suas exposições de longa duração. Este é um exercício que irei propor a partir de agora na tentativa de trazer alguns aspectos enfrentados pela Instituição nos últimos vinte anos.

A partir da década de 1990, é possível destacar uma profissionalização das atividades do Museu, sendo percebidas amplamente na prática expositiva, por seu planejamento, seus recursos e consonância com um ideal mais amplo de sua função institucional. Abandona-se a prática de expor para preencher espaços físicos.

A gestão que teve início no ano de 1993, com a diretora Zita Rosane Possamai, contou com uma equipe ampla e que esteve inserida em processo de formação fundamental para as pretensões imediatas de reformulação da Instituição, como nos indica o relato de uma das pessoas entrevistadas na pesquisa:

Eu lembro que nós tínhamos uma equipe muito boa. Qualificada. No tempo em que a Zita era diretora. A exposição (Porto Alegre em 3 tempos) foi uma construção bem coletiva. [...] tínhamos muitos profissionais, historiadores, arqueóloga e muitos estagiários. (ENTREVISTADO B)

Essa gestão foi responsável pela realização da exposição de longa duração denominada *Porto Alegre: uma história em 3 tempos*, que durou uma década em exposição ao público.

Já em meados dos anos 2000, mais precisamente no ano de 2005, novamente temos como pano de fundo necessário de destaque, uma mudança de governo na esfera municipal que colocou à frente do poder da capital gaúcha o prefeito José Fogaça, eleito como representante da coligação do Partido Popular Socialista (PPS) e do Partido do

Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que gerou uma mudança direta na Coordenação da Memória Cultural⁴.

A exposição de longa duração que estava no Museu foi desmontada e o mesmo passou por um período fechado, para reformas em sua estrutura. Em sua reabertura ao público, no ano de 2007, já sob a direção da Tereza Regina Longhi entrou em circuito uma nova exposição de longa duração, que se encontra montada na instituição até hoje, chamada de *Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro*. Esta, por sua vez, me parece ter surgido em um novo contexto no âmbito das políticas culturais do Município, sendo uma demanda oriunda de uma escala superior à base operativa do Museu, como indicou uma das pessoas entrevistadas:

A exposição anterior (*Porto Alegre em 3 tempos*) foi retirada antes que a gente tivesse o projeto da nova. Mas nós tínhamos uma equipe bem ampla. A gente propunha algumas ideias de exposição mas nenhuma delas era aceita. Nenhuma era incorporada. Ao mesmo tempo o Museu sofreu reformas e ficou fechado por um ou dois anos. Não lembro direito, mas um ano com certeza. O tema desta exposição (Transformações Urbanas) foi uma demanda da nova direção e da Coordenação de Memória Cultural. Não foi algo proposto pela equipe. A ideia era mostrar as obras dos intendentess, dos prefeitos, numa ótica das transformações urbanas. Melhoramentos urbanos, projetos, obras e planos diretores. [...] (ENTREVISTADO B)

Esta produção foi responsável ainda por uma mudança geográfica no espaço expositivo, reconfigurando a disposição espacial do circuito expositivo e de acesso no Solar Lopo Gonçalves, fato também evidenciado através dos relatos:

A entrada do Museu pela frente foi fechada. A entrada oficial foi fechada. Ali recebeu o primeiro módulo (da exposição Transformações Urbanas). Que era o material do Montaury ao Otávio Rocha. Mas a ideia da entrada pelo pavimento térreo não foi muito boa. A parte boa é que os cadeirantes iam ingressar por ali junto com os demais. Mas ali era uma área onde os funcionários se reuniam. Perto do café. Perto dos Banheiros. As pessoas batiam a cabeça na porta de entrada. Teve um sábado que uma pessoa ficou toda ensanguentada no nariz. Ele ficou muito assustado. Porque ele não podia passar por essas situações por motivo de saúde. Eu fiquei bem assustada. (ENTREVISTADO B)

Já no ano de 2011, a entrada oficial do Museu foi reestabelecida onde sempre havia sido. No entanto, a recepção do pavimento térreo foi mantida e até hoje o Museu possui

⁴ Coordenação da Memória Cultural é o órgão ao qual pertence administrativamente o Museu de Porto Alegre, no âmbito da municipalidade.

dois espaços de entrada e recepção. Essas reconfigurações foram realizadas na instituição a partir da montagem das exposições, como evidenciado nas entrevistas:

A sala de recepção era lá na sala de entrada de cima. Sempre foi. Quando eu cheguei tinha um banco pra gente da recepção ficar sentado lá. Tinha um telefone também. O Museu ficou fechado um tempo, depois que reabriu, a recepção veio aqui pra baixo. Não dava pra circular. Agora há pouco tempo abriram de novo. Com as duas entradas. Pra mim ficou melhor, posso caminhar pelo Museu. Não preciso ficar no mesmo lugar o dia todo. (ENTREVISTADO C)

O reestabelecimento se deu por conta da montagem de uma nova exposição de longa duração, que ocupou o lugar do primeiro módulo da exposição *Transformações Urbanas*. Esta nova exposição, que tem como nome *O Solar que virou Museu: histórias e memórias*, foi concebida a partir de uma necessidade observada pela equipe, no período em que a instituição era dirigida pela historiadora Maria Angélica Zubaran, segundo relato:

Nós conversávamos muito sobre essa necessidade. De ter uma exposição que contasse a história do Solar. Pensamos em montar uma minixposição na recepção do andar térreo. Então veio essa decisão por parte delas de ocuparmos a sala de recepção do primeiro pavimento. Seria uma sala de entrada em que a pessoa estaria sendo apresentada à história do Solar. Seria uma entrada semelhante a Porto Alegre em 3 tempos. Mas foi dado um enfoque mais profundo na história do Solar. Passando por suas ocupações desde o Lopo Gonçalves, uma história mais aprofundada. (ENTREVISTADO B)

Como foi possível observar, a trajetória do Museu de Porto Alegre é repleta de meandros, contextos políticos e produções conjuntas. Estes aspectos são parte fundamental de sua dinâmica e se fazem presentes até os dias atuais em suas atividades. O desenvolvimento de exposições, por sua vez, atividade fundamental ao longo de todo o período de existência da instituição, não foge a este contexto. E, inclusive, como tentei apresentar aqui, podem ser materiais fundamentais para entendermos a história recente da Instituição. Aprofundarei no capítulo seguinte o registro e minha análise sobre estes materiais.

3 EXPOSIÇÕES: marcas de uma trajetória

Uma das práticas importantes para podermos compreender a transformação cotidiana do Museu de Porto Alegre é a realização de suas exposições. Mesmo multifacetado, o hábito expositivo se apresenta como sendo uma das únicas atividades contínuas dentro de todo o período em que o Museu esteve aberto a serviço da sociedade. Dito isto, cabe notar que o ato de expor já acumula mais de três décadas de ocorrência dentro da Instituição, sendo a partir dessa produção que concentrarei esforços de análise, investigando determinados materiais e alguns relatos de agentes que compuseram o percurso expositivo do Museu de Porto Alegre.

Como ponto inicial, é importante ter em mente que nem sempre a prática se organizou metodologicamente da mesma forma e, inclusive, nos dias de hoje se manifesta de maneiras distintas dentro da estrutura organizacional do Museu. O principal elemento que distingue os diferentes exercícios expográficos já realizados na Instituição é o tempo de permanência que as mesmas são planejadas e disponibilizadas ao público.

Tal característica divide as exposições em longa duração e curta duração. As exposições de curta duração eram formatadas de maneira a suprir e a flexibilizar alguma pauta que surgia com força no cotidiano da Instituição. Desse modo, temas como a memória indígena, diferenças sociais em Porto Alegre, a boemia, a música, personalidades da Capital, entre outros, foram motes escolhidos para a elaboração de exposições de curta duração no Museu. Mesmo que a prática de expor em curta duração tenha sido recorrente na Instituição, encontrou-se pouco material sobre as mesmas, que viessem a nos informar de maneira mais aprofundada a sua operação seja do ponto de vista político, administrativo e/ou expográfico. Exceção, nesse caso, são produções específicas concernentes ao Setor de Arqueologia, onde tivemos breve contato com alguns relatórios, em formato de projeto, que em sua grande parte operaram como desfecho de alguma atividade externa de cunho arqueológico, de envolvimento do Museu através de seu corpo técnico, e que ao seu término culminava com a realização de uma exposição. Assim, são alguns exemplos de exposições de curta duração efetuadas por esse setor: *O Pote: leitura e releitura da cerâmica indígena da América Latina*; *Subterrâneos de Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*; *Ricos e pobres em Porto Alegre: uma arqueologia da diferença*; *Passeando pela Aldeia Guarani: uma exposição arqueológica*, entre outras.

É importante observar que não havia, e ainda não há, um espaço específico para as exposições de curta duração no Solar Lopo Gonçalves, com estas ocupando espaços físicos alternativos, tais como: pátio externo, pátio interno, porão e até, em poucos casos, foram montadas em outros locais da cidade, como Shoppings Centers, Assembleia Legislativa, Clube Veleiros do Sul, Quilombo do Areal, praças e ruas do bairro. Atualmente, o Museu não dispõe de uma rotina, com periodicidade pré-definida, na composição de novas exposições de curta duração.

Ao deparar-me com as fontes de pesquisa que teria à disposição para a realização deste trabalho, optei em analisar as exposições de longa duração com maior fôlego, por conta da existência de três catálogos que puderam ser cruzados com os relatos das vivências de profissionais que cotidianamente organizaram e transformaram o Museu de Porto Alegre nas últimas duas décadas. Esses documentos traçam um período de 1995 a 2015 com a exposição *Porto Alegre: uma história em 3 tempos* até os dias de hoje com as exposições *O Solar que Virou Museu: memórias e histórias* e *Transformações urbanas: Porto Alegre de Montauray a Loureiro*, a seguir analisadas.

3.1 Porto Alegre: uma história em 3 tempos

A exposição *Porto Alegre: uma história em 3 tempos* foi inaugurada no ano de 1995 e ficou em exposição ao público durante dez anos, sendo encerrada no final do ano de 2005. Meu contato com a mesma se deu exclusivamente através de relatos, do seu catálogo e da publicação *A Memória Cultural em uma Cidade Democrática*. Ao longo da análise pude perceber, sobretudo através da consulta da publicação relacionada à memória cultural de Porto Alegre, que a exposição surge enquanto uma das ações que tem por intuito marcar uma nova fase na trajetória da Instituição, operando enquanto elemento prático de uma perspectiva teórica da mesma. Segundo a então diretora da instituição, Zita Possamai:

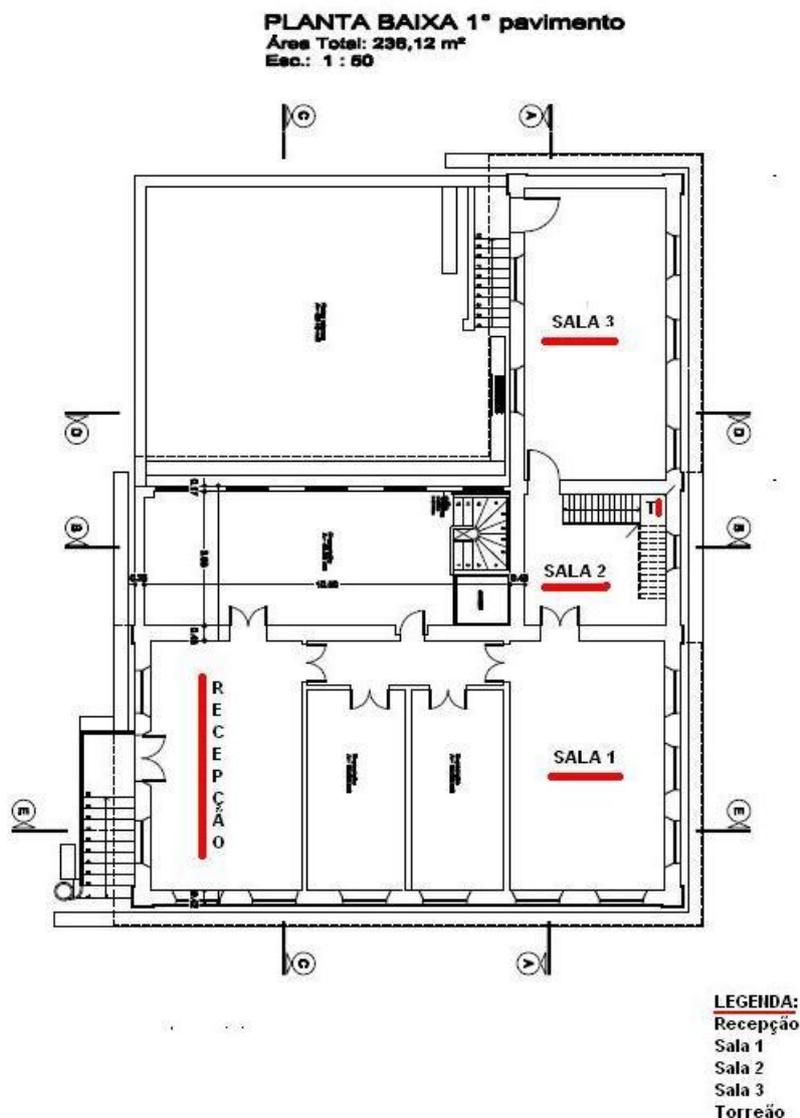
O Museu da cidade, assim, abrir-se-ia (sic) como um leque de possibilidades para trabalhar as diferentes memórias relacionadas a uma realidade local, mais próxima do visitante ou do cidadão. Ou seja, é na cidade, no bairro, na rua em que mora que o indivíduo vivencia o seu cotidiano mais diretamente. Torná-lo conhecedor e questionador da realidade em que vive, chamando a atenção para o fato de que a História escrita nos manuais e nos livros oficiais é uma determinada História e fazê-lo perceber que é construtor dessas memórias no presente, parece ser nossa principal função. (2001b, p.67)

Naquele contexto, a exposição foi entendida enquanto uma ação fundamental na interlocução com o público na construção desta nova identidade pretendida para o Museu. O projeto começa a tomar forma a partir dos debates estabelecidos em junho do ano de 1994, com o Curso de Museologia Social⁵, que trouxe à Porto Alegre profissionais de museus de todo Estado do Rio Grande do Sul, das demais regiões do Brasil e até do exterior. Logo em seguida, em âmbito mais concreto da realização, foram contratados especialistas em Museologia, Arquitetura e planejamento visual para compor a equipe de elaboração da mostra. Num plano mais geral, o projeto buscou ir ao encontro da distinção das leituras dos patrimônios inseridos no Museu. O objetivo era sensibilizar para o panorama histórico de Porto Alegre e para a presença do Solar Lopo Gonçalves como bem patrimonial da cidade, abrigando o Museu de Porto Alegre em suas dependências. Três elementos distintos que seguem paralelos em uma mesma direção, por este motivo me parece terem sido escolhidos enquanto pilares da realização.

A expografia desenvolvida na exposição teve como objetivo, além de configurar a nova identidade visual para o Museu, revitalizar os espaços do Solar Lopo Gonçalves de modo a dar fluxo de utilização constante e caráter museológico aos mesmos. Cinco salas foram utilizadas para a montagem da exposição (Figura 1) sendo elas: sala de entrada, utilizada como recepção e acolhimento, além de receber um vídeo sobre a história do Solar; as salas dois, três e quatro receberam os módulos que compunham a exposição. O Torreão recebeu expografia e foi utilizado para observar pontos adjacentes da cidade com o auxílio de uma luneta à medida em que imagens fotográficas dos arredores também compunham o local.

⁵ Essa formação contou como palestrantes internacionais Pierre Mayrand (Canadá), Hugues de Varine (França) e palestrantes nacionais Maria Cristina Bruno, Lourdes Rego Novaes, Maria de Lourdes Horta, entre outros.

Figura 1: Planta baixa com a disposição da exposição Porto Alegre uma história em 3 tempos - planta baixa do Solar Lopo Gonçalves



Fonte: Original fornecido pelo Museu, com edições do autor.

Porto Alegre: uma história em três tempos foi dividida ainda em três módulos intitulados: *Demarcando o Território*, *A Cidade Comercial* e *A modernidade Chega a Cidade*. Segundo Zita Possamai que descreve as exposições

Demarcando o Território tenta mostrar como se deu a ocupação do território hoje compreendido pela cidade de Porto Alegre, abordando quatro núcleos temáticos: os primeiros habitantes; Porto de Viamão; Porto dos Casais e Porto Alegre. São enfatizados os diferentes grupos que participaram do processo formador da cidade: indígenas, tropeiros, sesmeiros, açorianos e escravos. Compõe-se de fragmentos e objetos

líticos, plantas, instrumentos utilizados para castigar os escravos, textos complementares e material evocativo. *A cidade Comercial* mostra o desenvolvimento comercial da cidade de Porto Alegre durante a segunda metade do século XIX, a partir de três núcleos temáticos: o que se produzia; quem consumia e quem organizava o comércio na cidade. Fazem parte da mesma, objetos da Associação Comercial criada na época, louças, moedas e fotos da cidade e das pessoas, anúncios de jornais, material evocativo e textos complementares. *A Modernidade chega à Cidade* tenta mostrar como se dá o processo de inserção de Porto Alegre na modernidade, a partir do final do século dezanove e início do século vinte. As transformações pelas quais passa o espaço urbano, com a abertura de grandes avenidas, a criação de parques, praças, jardins e a iluminação Nova Lux, são mostrados ao lado dos hábitos do cidadão porto-alegrense, que ensaia um novo modo de vida. São enfatizados quatro núcleos temáticos: as reformas urbanas, as sociabilidades públicas, os hábitos privados e a industrialização. (2001b, p.70)

Observa-se que das salas utilizadas para a expografia naquele momento, várias delas permanecem até os dias de hoje com função expositiva. A sala de recepção, atualmente, abriga uma exposição de longa duração sobre o Solar Lopo Gonçalves, conforme será mostrado adiante. Das salas dois, três e quatro que compunham a exposição *Porto Alegre: uma história em 3 tempos*, atualmente somente a sala dois foi consolidada como sala expositiva do Museu e as salas três e quatro abrigam a Fototeca Sioma Breitman e o setor de pesquisa da mesma. Por último, o Torreão não se encontra mais aberto ao público. Isso demonstra que a proposta de utilização dos espaços do Solar Lopo Gonçalves para abrigar exposições naquele momento ainda permanece atualmente, mesmo que parcialmente.

Ao partir para análise do catálogo da exposição, pude notar que o mesmo é aberto por texto acompanhado de imagem fotográfica da Avenida Borges de Medeiros. O texto por sua vez é assinado pela até então Secretária da Cultura Margarete Moraes, no qual são apresentados elementos importantes do conteúdo que está por vir, como por exemplo, o processo de formação geopolítico da cidade; a problematização do pertencimento em relação com a multiplicidade de agentes sociais envolvidos neste processo (com menção direta às minorias, como: povos indígenas e escravos); o constante processo de transformação da cidade em meio urbano. O texto de abertura é encerrado pela afirmação da prerrogativa de que a exposição *Porto Alegre: uma história em 3 tempos* não pretende apresentar certezas ao seu público, mas sim elementos que possam auxiliá-lo a reconstruir este processo histórico.

A seguir, na página posterior, é apresentado o primeiro capítulo da exposição, intitulado *Demarcando o território*. Este é desenvolvido de maneira semelhante à concepção imbuída nas salas expositivas do Solar e se propõe a abordar a formação e a

ocupação da cidade. Este módulo está dividido em quatro eixos: *Os primeiros habitantes; Porto de Viamão; Porto dos Casais e Porto Alegre*. Todos são desenvolvidos quase integralmente através de textos. O primeiro utiliza também cartografias relacionadas ao estado e à região que Porto Alegre viria a ocupar, bem como imagens fotográficas do acervo arqueológico. O segundo vale-se mais homoganeamente dos textos, trazendo como recurso uma transcrição do inventário da Sesmaria de Santana e um mapa hipotético das sesmarias. O terceiro é semelhante ao segundo, trabalhando também a questão das sesmarias e utilizando os mesmos recursos para sua interlocução. O quarto e último é o que mais recursos apresenta, desde os textos e cartografias até censos populacionais, imagens fotográficas da cidade e reprodução de quadros artísticos que compunham o acervo.

O segundo capítulo, *A cidade comercial*, inicia-se com texto acompanhado de imagem fotográfica do Mercado Público Central que conjuntamente sinalizam seu objetivo de nos apresentar os incrementos no setor comercial de Porto Alegre durante a segunda metade do século XIX. Em seu desenvolvimento, é subdividido em três títulos mais gerais que se diferem dos apresentados na sala expositiva: *Preços sem competência e viva a concorrência; Abastecendo a casa e Organizando a casa*. O primeiro destes é desenvolvido integralmente através de imagens fotográficas e reprodução de anúncios voltados ao comércio. O segundo também utiliza estes elementos ao passo que vai além, trazendo textos que situam o comércio e a geografia no espaço urbano da Capital, trazendo ainda imagens fotográficas do acervo, como moedas, porcelanas e cerâmica. O terceiro apresenta texto e imagens fotográficas. Aborda a necessidade, imediatamente posterior ao crescimento, da organização do comércio. Realizada em Porto Alegre através da elaboração da Associação Comercial.

A modernidade chega à cidade é o terceiro e último capítulo apresentado na publicação, assim como na exposição. Apresenta em uma visão geral a inserção de Porto Alegre durante o final do século XIX em uma nova ordem capitalista mundial. Este é o maior dos capítulos da publicação, abrangendo onze das vinte e três páginas do catálogo. Em seu decorrer, apresenta inúmeros títulos disparadores sendo eles: *O vilarejo desperta do seu pecado sono colonial; Adeus aos becos; Abrindo Caminhos; Colocando o progresso nos trilhos; A rua abre a cidade; Planejamento: o ar da novidade; Pés em Porto Alegre, olhos na Europa; Vida urbana e uma nova arte: a arte de bem vestir; A moda europeia aperta o cerco; Onde todos se misturam; Espaço de distinção; Tempos modernos; E o porto envolveu a cidade*. Estes títulos variados sintetizam bem a propostas dos mesmos e são trabalhados através de imagens fotográficas, imagens do acervo do

Museu e, em menor proporção, reprodução de documentos. O módulo é encerrado por uma passagem não assinada separadamente, mas que enaltece a ideia apresentada logo no texto de abertura, quanto à concepção da cidade e de memória enquanto plural

A história de Porto Alegre não é algo pronto, acabado e congelado no tempo. O museu de uma cidade mostra, através dos objetos preservados, apenas algumas das memórias possíveis. Dos silêncios que persistem, muitas exposições podem ainda ser feitas. (MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 1998)

Por fim, ainda é apresentada uma ficha técnica da exposição que apresenta desde dados diretos da concepção do projeto até as colaborações e agradecimentos. Sendo este o encerramento da publicação.

Tendo em vista a impossibilidade da observação *in loco* da exposição, uma análise sobre a sua expografia do ponto de vista dos recursos particulares e detalhados não pode ter sido realizada. No entanto, a partir das pistas consultadas, alguns aspectos podem ser levantados. A exposição teve o interesse de marcar bruscamente um novo período na curta trajetória do Museu. Utiliza enquanto recurso um vasto planejamento que foi moldado incisivamente em uma identidade para o Museu. Esse processo de formação identitária por parte da Instituição se imbuíu, sobretudo, da esfera do patrimônio e da memória que puderam ser captadas na reflexão da inserção da estrutura funcional do museu ao Solar Lopo Gonçalves. Embora, essa relação possa parecer óbvia, pude notar que foi uma preocupação constante ao longo de todo o processo, sendo pertinente lembrar que o Museu já era sediado no Solar há mais de uma década no início deste novo planejamento.

Outro aspecto que foi um carro-chefe dentro do planejamento foi formatar o Museu para além de um museu histórico, caracterizando-o então como um museu histórico da cidade. Para tanto, buscou-se a minimização dos silenciamentos presentes em sua narrativa sobre a Capital. Buscou-se um tom menos hegemônico, colocando em pauta o Museu enquanto unidade dentro da pluralidade de instrumentos de narrativa da história, focando em algumas das minorias presentes no passado e no presente da cidade, mesmo que de maneira singela.

Estes elementos, aliados à elaboração expográfica da mostra foram os responsáveis por contemplar o intuito de revitalização e reutilização dos espaços do Solar. Segundo a avaliação dos profissionais entrevistados essa revitalização ocorreu de maneira a delimitar as áreas expositivas de maneira mais formal, pois anteriormente as exposições ocupavam o Solar de maneira particular de uma para outra. O que demonstra,

ao mesmo tempo, que antes do período o Museu encontrava-se já inserido em uma lógica expositiva, mas sem ter uma gerência mais incisiva sobre a mesma em seus espaços, trabalhando inclusive com a lógica de Museu-Casa em alguns períodos.

Se por um lado, a exposição ter sido encerrada há mais de uma década me prejudicou em aspecto comentado anteriormente, por outro, me possibilitou uma apreciação da mesma enquanto finalizada do ponto de vista dos seus objetivos. Tendo isso em vista, a mostra foi concebida em um contexto-chave na trajetória da instituição, alcançando seus propósitos, ao passo que foi um elemento central no planejamento ainda mais amplo traçado pela gestão do período; consolidando espaços físicos, valorizando a instituição, apontando um novo conceito e novas diretrizes para serem ainda mais problematizadas e expostas.

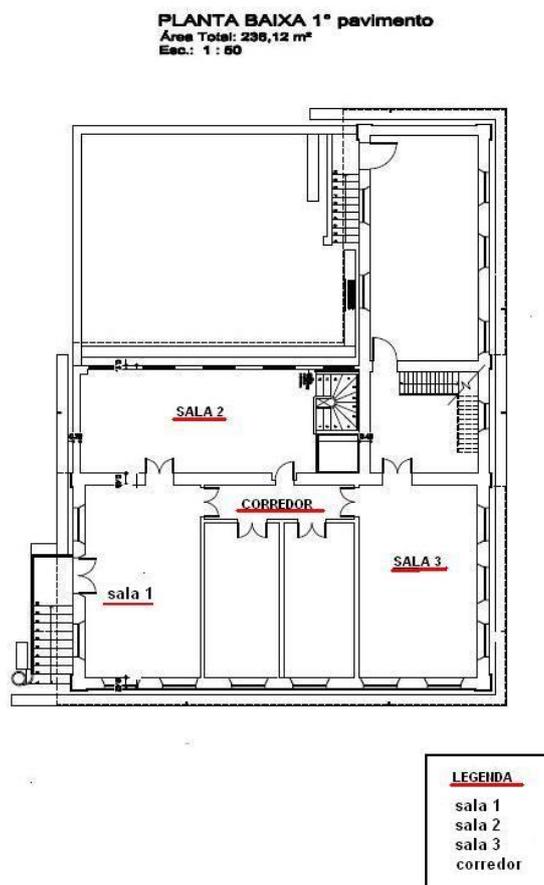
3.2 Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro

Concebida e montada em dezembro do ano de 2007, a exposição *Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro* tem como objetivo retratar a construção do cenário urbano de Porto Alegre, abrangendo um período que vai do final do século XIX até o final da primeira metade do século XX (1897 a 1943), assim como sugerem os nomes dos governantes em seu título.

A exposição atualmente encontra-se montada, o que me possibilitou uma análise *in loco* de sua expografia. No entanto, do ponto de vista descritivo da mesma, não me deterei no registro de todos os objetos e textos constantes, por conta do alto volume dos mesmos. Optarei em mencionar os que forem mais relevantes do ponto de vista estético e/ou semântico para os objetivos da mesma.

A mostra foi montada originalmente em três salas e um corredor do Solar Lopo Gonçalves, localizados no primeiro pavimento (Figura 2):

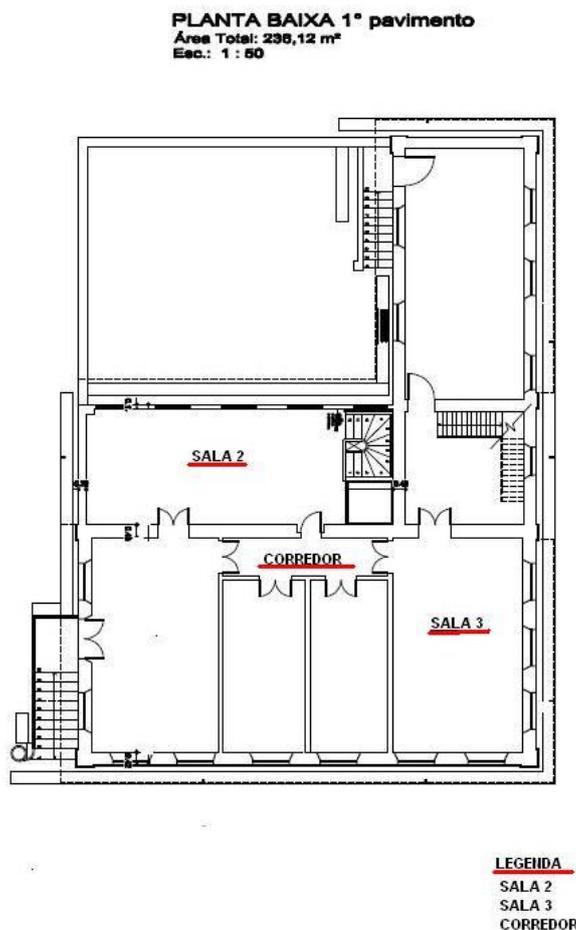
Figura 2: Planta baixa com a disposição inicial da exposição Transformações Urbanas - planta baixa do Solar Lopo Gonçalves



Fonte: Original fornecida pelo Museu, com edições do autor.

No entanto, uma de suas salas foi desmontada no ano de 2011, abrindo espaço para uma outra exposição de longa duração que abordaremos posteriormente. Atualmente, esta exposição conta, então, com duas salas e o corredor (Figura 3).

Figura 3: Planta baixa com a disposição a partir de 2011 da exposição Transformações Urbanas - planta baixa do Solar Lopo Gonçalves



Fonte: Original fornecida pelo Museu, com edições do autor.

A exposição é composta por textos e imagens no intuito de traçar uma narrativa sobre as transformações urbanas da cidade. Os objetos tridimensionais, por sua vez, apresentam a dimensão material do passado, do antigo e/ou do curioso, pouco interseccionados com os demais elementos com os quais dividem o espaço.

Ao adentrar a primeira sala não é possível perceber um roteiro sugerido para a mesma, na medida em que o seu título de abertura fica situado em um painel do lado oposto à porta de entrada da sala. Como mencionei logo acima, a incidência de objetos, textos e imagens é extremamente alta, ao ponto de poderem ser encontrados objetos quase ao nível do chão, até textos e imagens quase no nível do teto.

O elemento mais interessante da primeira sala situa-se do lado esquerdo da entrada, uma grande maquete interativa que apresenta geograficamente a região central de Porto Alegre. Esta apresenta através de tonalidades da cor verde a expansão da cidade para dentro do Guaíba durante os séculos XIX e XX. A maquete ainda possui um

sistema de iluminação que situa no mapa fotografias históricas expostas na parede contígua. Essas fotografias históricas correspondem a locais de Porto Alegre, como: Igreja da Matriz, Palácio do Governo, Igreja Nossa Senhora das Dores, Solar Lopo Gonçalves, Assembleia Provincial, Hospital Santa Casa de Misericórdia, Solar dos Câmara e Igreja Nossa Senhora do Rosário. Existe ainda um quadro que reproduz o traçado das fortificações que existiam ao redor da cidade.

Essa maquete, além da sua dimensão física, torna-se importante por ser um dos únicos objetos a visualmente construir uma interação com o princípio de transformação, constante no título da exposição. Outro elemento de extrema importância para a montagem deste princípio, é a reprodução de cunho fotográfico da Avenida Borges de Medeiros em três datas distintas de sua trajetória, inserido no painel que contém o título da exposição.

Os textos e imagens inseridos nesta primeira sala expositiva indicam o seu ponto de partida, montagem do primeiro plano de urbanização da Cidade, e vão destacando em primeiro plano o desenvolvimento através das grandes construções, articulando sempre as figuras políticas envolvidas no processo e suas influências nas realizações, por exemplo:

Montaury, dentro da lógica positivista adotada pelo estado, desejava transformar a cidade em metrópole e uma das suas principais obras foi a construção da Intendência Municipal, entre 1898 e 1901. O novo prédio daria visibilidade à proposta de modernização. O responsável pela elaboração do projeto de construção foi o engenheiro-arquiteto italiano J. L. Carrara Colfosvo. (MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2007)

Nesta primeira sala (Figura 4), o acervo é exclusivamente tridimensional e, como já destaquei anteriormente, não possui um índice de articulação satisfatório com a ideia almejada pelos textos da exposição de maneira geral. São artefatos relacionados ao modo de vida urbano durante o século XX, como: balança para cartas, autenticador de cheques, mata borrão, caneta de pena, protetor de cheques, entre outros. Alguns são de cunho arqueológico e oriundos de escavações de Porto Alegre, como: vestígios de lixeira coletiva, sobretudo cerâmicos, garrafas de cerveja, entre outros. Ainda existem alguns instrumentos da Banda Municipal de Porto Alegre em uma das vitrines. A disposição dos mesmos não possui uma leitura relacional, seja por meio da narrativa proposta, seja por conta da materialidade.

Figura 4: Atual sala 1 – Transformações Urbanas



Fonte: Registro do autor

No corredor (Figura 5), há apenas uma vitrine expositiva, logo em frente à porta de acesso ao mesmo, que acomoda objetos sobretudo relacionados à cultura material feminina durante o século XX, são estes: leques, luvas, *pozeiro*, frasco de perfume, entre outros. Estes objetos também não apresentam diálogo com a ideia central da exposição. Este espaço, ainda é composto por um texto e duas imagens, situados na parede oposta e divididos pela porta de acesso. A imagem do lado esquerdo é uma reprodução fotográfica de duas mulheres em primeiro plano caminhando pela Rua dos Andradas, esta representação visual feminina configura a única da exposição. No lado direito, há uma imagem fotográfica da Rua dos Andradas e um texto dividido em dois momentos que apresenta a rua, a primeira parte é o relato de um viajante chamado Arthur Dias:

Entre as ruas mais bonitas da capital, impressiona logo a famosa rua dos Andradas, dita Rua da Praia, que corre paralelamente à praia. Muito longa e de largura desigual, ladeada de bons edifícios, calçada à fantasia, com guias em mosaico, é muito freqüentada e barulhenta [...]. (MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO, 2007)

Figura 5: Foto do corredor expositivo



Fonte: Registro do autor

Ao sair do corredor pela porta oposta à entrada, deparei-me imediatamente com a segunda sala expositiva⁶. Esta sala além da alta oferta de imagens, objetos e textos em exposição, possui um agravante em termos físicos que é a ampla presença de mobiliário (como: cristaleira, rádios, mesa e cadeira), de grandes vitrines em acrílico e de um painel duplo (1,75m de altura e 2m de largura) que fica no meio da sala. Os textos mais próximos à porta, em sua grande maioria, abordam a efervescência política da capital gaúcha durante a primeira metade do século XX. Apresenta acontecimentos importantes do período, como, por exemplo, a quebra da bolsa de Nova Iorque, a Revolução Constitucionalista e o Estado Novo, articulando-os com o que acontecia paralelamente em Porto Alegre.

Logo à direita da entrada, destoante da abordagem dos textos acima mencionados, mas de extrema potencialidade visual, estão os acervos de rádio, três modelos grandes e diferentes entre si. Estes são auxiliados por um texto sobre a exibição do programa *Repórter Esso*, construindo uma narrativa acerca da tradição porto-alegrense dentro do rádio jornalismo. Logo adiante, encontra-se exposto, na parede, uma reprodução

⁶ Ressalto que esta sala sofreu várias modificações a serem a seguir descritas e analisadas, motivo pelo qual optei por não a apresentar através de imagens fotográficas, pois estas não viriam a excluir as intervenções realizadas posteriormente.

fotográfica do Retrato de Alberto Bins em óleo sobre tela, acompanhado de um texto biográfico. No lado oposto da sala, encontra-se exposta outra reprodução fotográfica, em proporções e gênero artístico semelhantes, do Prefeito José Loureiro da Silva. Este por sua vez, além do texto biográfico posicionado abaixo do painel, é apresentado também um texto autobiográfico sobre a sua pessoa localizado ao lado da imagem.

Desse modo, os retratos encontram-se dispostos frente à frente. Ao fundo da sala, entre os “olhares” dos prefeitos, situa-se uma grande mesa acompanhada de uma cadeira, acervos oriundos do prédio da Intendência Municipal. Acredita-se que a mesma tenha sido utilizada durante o período em que Alberto Bins esteve à frente da Capital. Logo em frente à mesa, localiza-se um painel duplo, móvel, contendo em um dos lados os títulos *Rumo à metrópole* e *A beleza dos arranha-céus*, além de um mapa dos arredores de Porto Alegre com algumas imagens ilustrando os textos que tratam do seu desenvolvimento vertical. No outro lado, existe o registro sobre a grande enchente da Capital, no ano de 1941, retratada através de textos e imagens que ocupam as duas faces deste verso.

Ademais, ainda encontrei nesta sala acervos bidimensionais, tais como a publicação do plano de melhoramentos de Porto Alegre de 1914, e tridimensionais, como microfone e lata de doces, além de acervo arqueológico. Existe ainda um elemento que faz parte da construção do Solar e que fica situado nesta sala, uma estrutura expositiva na parede que possibilita a visualização da base construtiva do Solar, o estuque.

O Catálogo da exposição foi publicado no ano de 2009 e reproduz a ideia central que pode ser observada *in loco* nas salas expositivas do Museu de Porto Alegre. Através de textos e imagens pouco distintos dos encontrados nas salas expositivas, é reconstruído os propósitos da exposição, e ainda, vai além em alguns aspectos abordados nas salas. A publicação é iniciada por três textos de caráter distinto, o primeiro dentre estes aborda o prédio do Solar, referindo-se ao mesmo como Solar da Magnólia, os dois textos seguintes são assinados, respectivamente, pelo Prefeito da Cidade José Fogaça e pelo Secretário da Cultura Sergius Gonzaga, este último corresponde ao texto de apresentação do volume:

O presente catálogo registra algumas mudanças ocorridas em Porto Alegre, especialmente na primeira metade do século XX. Aqui aparecem vários novos projetos urbanísticos e arquitetônicos que ajudaram a modificar o centro da cidade. (...) Uma Porto Alegre guardada no inconsciente coletivo com suas lembranças reais ou lendárias, uma cidade que veio se transformando continuamente até hoje, graças à labuta de seus habitantes e a visão ousada de seus principais governantes. (MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO, 2008, p.5.)

Após a sequência dos textos de abertura, o sumário da publicação permite perceber a divisão da mesma em quatro partes: *A revitalização do Museu Joaquim Felizardo*; *Sopram os Ventos do Crescimento*; *Porto Alegre é uma Festa* e *Uma Metrópole Contemporânea*. Essa divisão bem delineada não é percebida na exposição, que não apresenta uma divisão clara em eixos temático, tal como apresentado na publicação. O conteúdo do primeiro capítulo do catálogo não está presente na exposição. Esse primeiro capítulo é curto, sendo inaugurado pelo texto que, assinado pela diretora da instituição na ocasião, aborda o processo de revitalização da Instituição e, como consequência, a concepção da exposição.

Logo a seguir, são apresentadas as imagens fotográficas de tempos históricos distintos da Avenida Borges de Medeiros que se encontram no painel de abertura da exposição. São apresentados, nas páginas seguintes, as imagens dos retratos dos quatro governantes diretamente contemplados por esta exposição: José Montaury, Otávio Rocha, Alberto Bins e Loureiro da Silva. Destaca-se que, atualmente, apenas dois destes possuem representação visual na exposição. Um texto acompanha as imagens e encerra o capítulo, reforçando a importância e atuação destes agentes frente à Porto Alegre.

O capítulo *Sopram os ventos do crescimento* é composto por imagens distintas, históricas e do acervo, bem como por relatos de viajantes que as complementam. Este capítulo, por sua vez, é subdividido em três eixos: edificações públicas, indústrias e serviços públicos essenciais. Os elementos apresentados nos situam em um passado que olha para o futuro, enfatizando a possibilidade da chegada do novo e do crescimento. Nem todas as imagens e relatos apresentados neste capítulo podem ser encontrados na exposição, por exemplo, a imagem da fábrica de chapéus Oscar Teichmann, a máquina de costura Singer, Cartola Masculina preta, entre outros.

A mesma estrutura foi seguida para o terceiro capítulo, *Porto Alegre é uma festa*, tanto do ponto de vista narrativo, através de relatos, quanto do ponto de vista da apresentação de imagens e textos. Novamente é apresentado conteúdo diferenciado no catálogo em relação ao exposto. Um bom exemplo é a reprodução fotográfica do objeto *boneca de porcelana* que hoje encontra-se em exposição na mostra *O Solar que virou Museu*. Este trecho do catálogo aborda uma capital deslumbrante, focando na indumentária e no ideal de uma cidade plural e viva em suas festividades. A narrativa presente aqui é a mais ausente nas salas expositivas.

No último capítulo, *Uma metrópole contemporânea*, a estrutura segue a mesma das duas anteriores, no entanto, são apresentados mais imagens históricas e menos

imagens de acervos. São apresentados relatos de deslumbramento e de reconhecimento ao potencial da cidade enquanto metrópole que progrediu. Mesmo sem uma divisão em subtítulos, o capítulo apresenta material sobre a enchente que assolou a cidade em 1941 e é encerrado, assim como o catálogo, por um gráfico que demonstra o senso populacional da capital gaúcha nos anos de 1890, 1900, 1920, 1940, 1970 e 2007 onde podemos observar através dos números um exponencial crescimento populacional.

Tendo observado a exposição *Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro* foi possível observar o caráter conteudista, linear e afirmativa em sua concepção de história. Para alcançar seus objetivos, trabalha com uma visão positivista e teleológica da historiografia, atribuindo o progresso e as transformações vividas pela capital gaúcha aos governantes que à frente dela estiveram durante o período abordado. Essa abordagem centralizadora nas exposições pode ser evidenciada também na análise de outros museus históricos, como por exemplo, o estudo realizado por Biefe sobre o Museu Paulista:

A exposição (sobretudo nos espaços monumentais do museu), mesmo que ainda inacabada em 1922, estruturava-se de maneira descritiva, linear, evolutiva e episódica, solidamente fundamentada em documentos escritos. Os acontecimentos estavam alinhavados em uma perspectiva teleológica, (...) tudo convergia para um único e previsível ponto de chegada pré-fixado: a nação fora fundada em solo paulista. (2005, p.81)

Tive alguns indícios ao longo do processo de pesquisa que me levaram a crer que a montagem desta exposição marcou uma nova fase dentro da Instituição, ressaltadas nas entrevistas de duas das funcionárias do museu, conforme mencionado no capítulo anterior. No entanto, não pude encontrar nos materiais escritos consultados alguma fundamentação teórica ou metodológica que sustentasse a mesma. O que fica evidente é a reconfiguração do espaço físico, que diminuiu o número de salas expositivas, mas imbuiu uma nova lógica de continuidade às mesmas. Alguns preceitos que parecem ter firmado a base construtiva da exposição de longa duração anterior parecem terem sido alterados para a concepção desta, como, por exemplo, o exercício de minimização de alguns silenciamentos e a abordagem mais plural na construção narrativa da cidade. Como mencionado anteriormente, a narrativa sobre a história e sobre a cidade se dá através de personagens específicos que pertenceram ao quadro político da Capital.

O tom traçado nas salas expositivas, através de seus textos e expografia esvaziou o debate sobre a função sociocultural do Museu enquanto veículo da história e da memória. Conforme visto, a exposição sofreu muitas modificações ao longo de seus

quase 8 anos, todas do ponto de vista físico. O acúmulo de material pode ter ocasionado uma certa dissociabilidade entre parte dos textos, imagens e objetos tridimensionais que hoje estão compondo a mostra.

Tocando no aspecto da dissociabilidade, é importante destacar a distinção do ponto de vista conceutivo e prático entre os catálogos e as exposições. Os primeiros orientam-se de maneira a perpetuar a mensagem e os elementos práticos de realização da segunda. O catálogo é organizado em publicações, que variam do meio físico ao digital, e a exposição organiza-se de forma eclética entre patrimônio, narrativa e ambientação.

O catálogo da exposição *Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montauray a Loureiro*, por sua vez, também se difere da maneira como foi sua construção em meio expositivo. A publicação fornece poucos indícios para a compreensão de sua concepção, estas se localizam, sobretudo no primeiro capítulo. No entanto, não apresenta elementos suficientes sobre a montagem da mesma.

Na publicação, são ainda utilizados elementos visuais, que em relação às salas expositivas possuem maior poder de interação entre si. O constante uso de relatos no catálogo no lugar de textos unívocos constrói um tom mais ameno e heterogêneo à narrativa que é centrada na atuação política dos quatro governantes citados e apresentados na abertura da publicação.

A publicação do catálogo se deu dois anos após a inauguração da exposição no Solar Lopo Gonçalves, estes dois anos podem ter sido fundamentais para um balanço interno da administração da Instituição ao ponderar a concepção inicial da mostra. Sobre este fato, os agentes consultados apontaram que a produção do catálogo foi feita pela diretora do período e sua assessora, sem maior envolvimento da equipe com o mesmo, aspecto que impossibilita para os limites dessa pesquisa, o conhecimento de maiores informações sobre esse processo.

Um fato interessante ao longo do desenvolvimento desta etapa do trabalho, foi que ao longo de nossa análise uma intervenção foi realizada na exposição. A intervenção foi produzida pela equipe do Museu para a 9ª Primavera dos Museus promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus do Ministério da Cultura Brasileiro (Ibram/MinC) que propôs a abordagem sobre a memória dos povos indígenas. A intervenção realizada no Museu problematiza ausência e o silenciamento da memória destes povos nas exposições do Museu. A intervenção foi denominada de *(In)Visibilidade dos povos indígenas em Porto Alegre* (Figura 6) e agiu de maneira a inserir conteúdos e acervos referentes aos mesmos na exposição *Transformações Urbanas*.

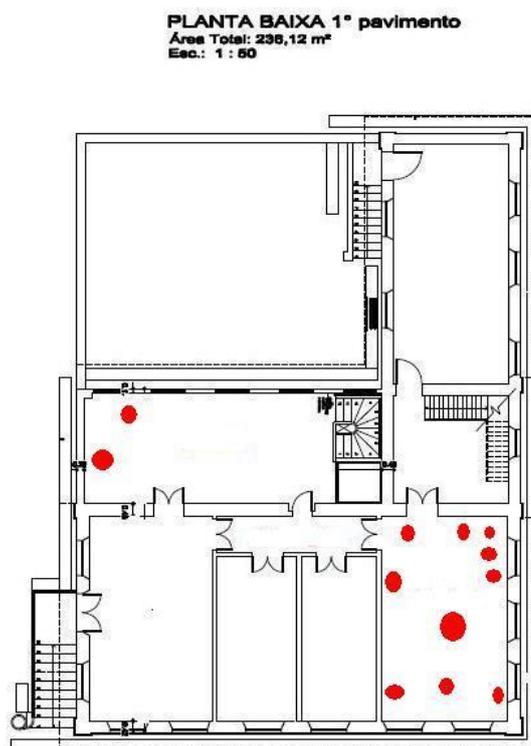
Figura 6: Foto da sala número 3 após a intervenção (in)visibilidades indígenas



Fonte: Registro do autor

As inserções e supressões ocorreram, em pequena escala, na segunda sala e, em maior parte, na terceira sala expositiva do Museu, como nos indicam os pontos em vermelho inseridos na planta baixa do primeiro pavimento do Solar (Figura 7), que demarcam exatamente onde as intervenções foram feitas nas salas.

Figura 7: Locais onde foram feitas as intervenções realizadas na exposição Transformações Urbanas - planta baixa do solar



Fonte: Original fornecida pelo Museu, com edições do autor.

Esta intervenção, como já explicado anteriormente, surge como resposta a uma pauta mais ampla dentro do cenário dos Museus. No entanto, para além disso, por ter sido elaborada já em uma nova gestão da Instituição, em um novo contexto dentro da mesma, me levou a crer que este exercício foi encarado como uma grande retomada no sentido de pautar silenciamentos históricos, investindo na temática indígena, um debate muito rico e necessário em território nacional respaldado pela proposta que veio do Instituto Brasileiro de Museus. Opera também como uma auto avaliação inserida na própria exposição de longa duração, trazendo novamente para o plano material o debate sobre a atuação e a função sociocultural do museu enquanto instrumento da história e da memória e como Museu da Cidade de Porto Alegre. Destaco a preocupação em

posicionar o Museu, através dessa intervenção, num debate mais amplo de viés político quanto às problemáticas indígenas, exemplificado nos registros presentes sobre a demarcação de reservas e a violência sofrida por esses grupos étnicos.

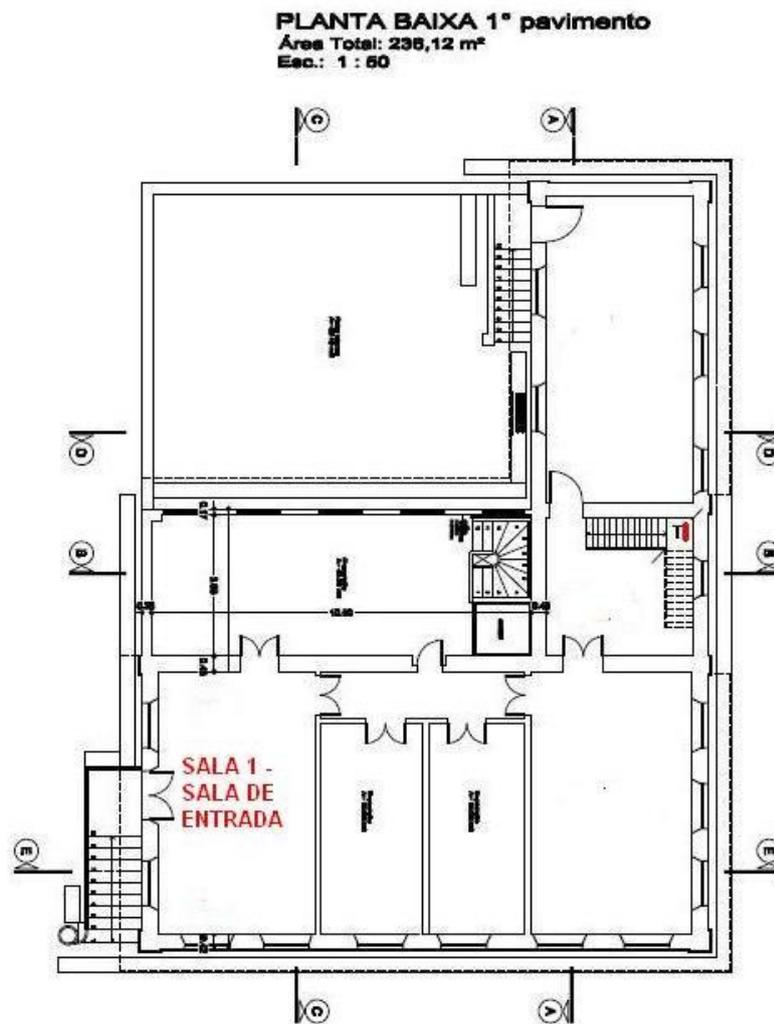
Em âmbito geral, esta exposição pareceu-me refletir em sua própria materialidade um período de muitas conturbações e mudanças dentro da estrutura do museu. Tendo suas mudanças, suas adições e suas supressões como cicatrizes, gritantes ou silenciadas, da trajetória institucional.

3.3 O Solar que virou Museu: memórias e histórias

A exposição *O Solar que Virou Museu: memórias e histórias* foi concebida e montada no ano de 2011 e teve por objetivo apresentar a materialidade do Solar, trabalhando os aspectos de singularidade em sua trajetória dentro da história da cidade. Perpassa o Movimento Preservacionista que garantiu a sua integridade em um período não favorável ao patrimônio e culmina com sua transformação em sede do Museu da Cidade de Porto Alegre e suas perspectivas de futuro.

Para tanto, do ponto de vista físico, a exposição ocupa uma sala no interior do Solar Lopo Gonçalves, a sala de entrada contígua à escadaria que dá acesso ao edifício. Assim, *O Solar que Virou Museu* encontra-se montada em área privilegiada de acesso pelo público, na primeira área expositiva do Museu de Porto Alegre, conforme pode ser visualizado a seguir (Figuras 8 e 9):

Figura 8: Localização da exposição O Solar que Virou Museu - planta baixa do Solar



Fonte: Original fornecida pelo Museu, com edições do autor.

Figura 9: Fotografia da sala da expositiva

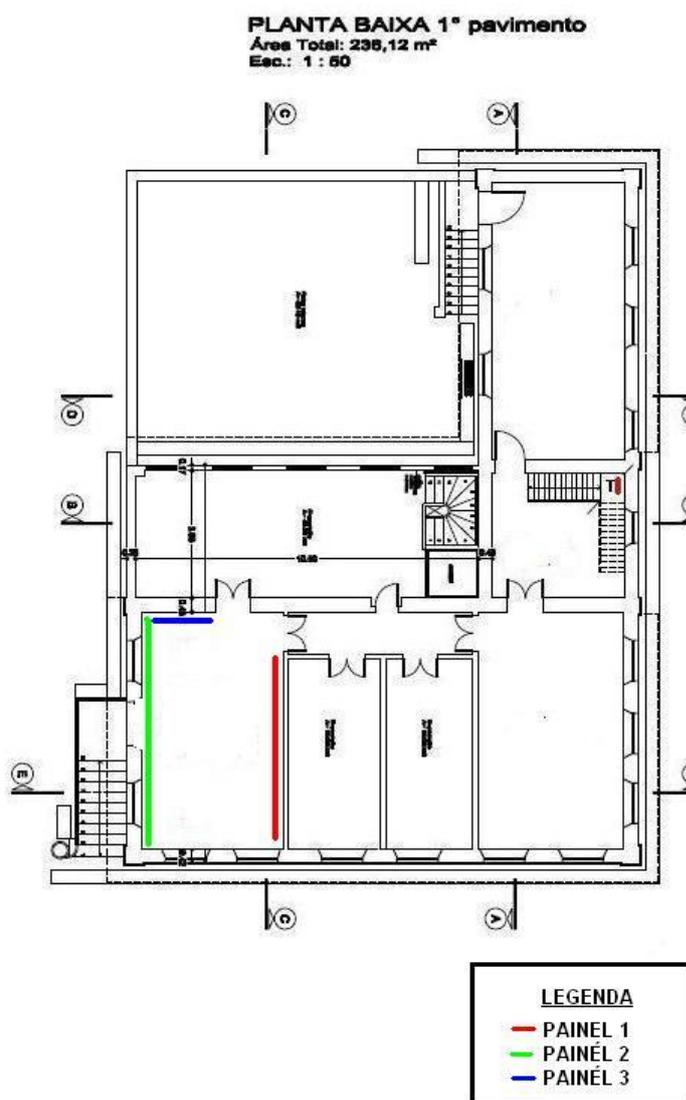


Fonte: Registro do autor

Assim como na análise da exposição anterior, optarei em comentar em um primeiro momento aspectos que pude observar pessoalmente ao visitar a exposição e em seguida partirei para a análise do catálogo da mesma, trazendo ainda aspectos das entrevistas realizadas. Ao adentrar a exposição - e por consequência o Solar Lopo Gonçalves – deparo-me com um ambiente bastante aberto, com cerca de 31,8m² e um pé-direito com cerca de 3,6m de altura – característica comum às salas expositivas do Solar. Nessa primeira visualização panorâmica geral, chamou-me a atenção a alta incidência de imagens e textos ao longo da maior parte da mostra.

A exposição está disposta, de maneira geral, em três módulos, inseridos em três painéis. Uma maquete tátil tridimensional está exposta em uma mesa no centro da sala. Cada um dos painéis encontra-se fixado em três paredes da sala, aquelas que não contem janelas. (Figura 10)

Figura 10: Posicionamento dos painéis exposição O Solar que Virou Museu - planta baixa do Solar



Fonte: Original fornecida pelo Museu, com edições do autor.

O único elemento contínuo e reincidente em todos os núcleos é uma linha do tempo, de difícil visualização, que se localiza quase no nível do chão que vai situando cronologicamente os acontecimentos referentes ao Solar narrados nas imagens e textos. No canto superior esquerdo do painel colocado na parede em frente à porta de entrada, o primeiro a ser visualizado pelo público, acomoda o título da exposição e configura o início

da mesma. As plotagens deste painel trazem imagens e textos referentes à caracterização do personagem que cede o nome à construção do Solar, o comerciante Lopo Gonçalves Bastos. Neste primeiro momento da mostra, encontramos elementos para os desdobramentos de posse do Solar após o falecimento do seu primeiro proprietário. Os dois elementos mais chamativos são a transcrição de detalhes do inventário de Lopo Gonçalves Bastos e a apresentação da árvore genealógica dos Gonçalves Bastos no século XIX.

Ao lado, seguindo o painel, localizam-se seis dispositivos óticos (Figura 11) um para visualização de reproduções de imagens fotográficas do século XIX de ruas adjacentes ao Solar: Rua da República, Rua João Alfredo e Rua Washington Luiz. À direita, na parte final deste painel, encontra-se uma cavidade que age como vitrine para os objetos tridimensionais. São 16 objetos, dos quais 11 são fragmentos encontrados em escavação arqueológica realizada no pátio do Solar durante a década de 1990 e os outros cinco objetos mais íntegros são artefatos arqueológicos de outras localidades de Porto Alegre que foram inseridos para recompor visualmente de modo comparativo os fragmentos.

Figura 11: Dispositivos óticos presentes na exposição O Solar que Virou Museu



Fonte: Registro do autor

No topo do painel que se localiza na parede à direita da porta de entrada do Solar é apresentado o título *Novos atores sociais no Solar e o movimento preservacionista (1946-1979)*. Além da predominância de textos e imagens, seguindo a lógica de deslocamento em sentido horário, é apresentado uma vitrine com três documentos em papel, os registros dos funcionários da fábrica de velas, Firma Albano Volkmer que residiam no Solar, dando significado de uso à casa durante um determinado período.

Os textos desse módulo buscam contemplar uma narrativa sobre os distintos usos do Solar e seu processo de abandono. À direita da vitrine com os documentos, há uma outra vitrine na parte inferior, bem iluminada, contendo a reprodução fotográfica e breve texto de cunho biográfico dos seis principais responsáveis pelo Movimento Preservacionista em Porto Alegre: Francisco Riopardense de Macedo, Julio Nicolau Barros de Curtis, Paulo Xavier, Leandro Telles, Alberto André e Sérgio da Costa Franco. Este eixo do painel articula-se com o texto que explica o Movimento Preservacionista e o seu papel fundamental na transformação do Solar no Museu da Cidade.

Na parede de entrada, à esquerda, é apresentado ao topo do painel o título do terceiro módulo *A recuperação do Solar e novas perspectivas*. Este módulo é composto por dois painéis, desde a metade da esquerda do painel da parede de entrada até o painel lateral. Desenvolve através de textos e imagens o processo de restauração do Solar e sua configuração como Museu da Cidade de Porto Alegre. Apresenta ainda alguns elementos importantes da sua formação, como os textos sobre a atribuição de nome da Instituição e a biografia de Joaquim José Felizardo. O painel lateral inicia com um texto de apresentação do Museu, abordando sua missão e perspectivas de interação com o público, registrando inclusive a missão da Instituição

O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo tem como missão promover a interação da sociedade com o patrimônio cultural do Município, com ênfase na sua história e memória, através da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob guarda da instituição. [...] (MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO, 2011)

Na parte inferior desse texto, uma vitrine apresenta quatro objetos (câmera fotográfica da década de 1950, urinol da primeira metade do século XIX, escarradeira do século XIX e Medalha em homenagem à Joaquim Felizardo conferida pelo Prefeito Olívio Dutra) que vêm a ilustrar as diferentes tipologias de acervo do Museu: histórico, arqueológico e fotográfico. Por fim, na parte final é apresentada uma perspectiva de futuro, centrada em uma imagem do projeto de expansão e modernização da estrutura

administrativa do Museu. No centro da sala, fica situada a maquete tátil tridimensional que apresenta as áreas externa e interna do Museu (Figura 12):

Figura 12: Maquete tridimensional posicionada na exposição *O Solar que Virou Museu*



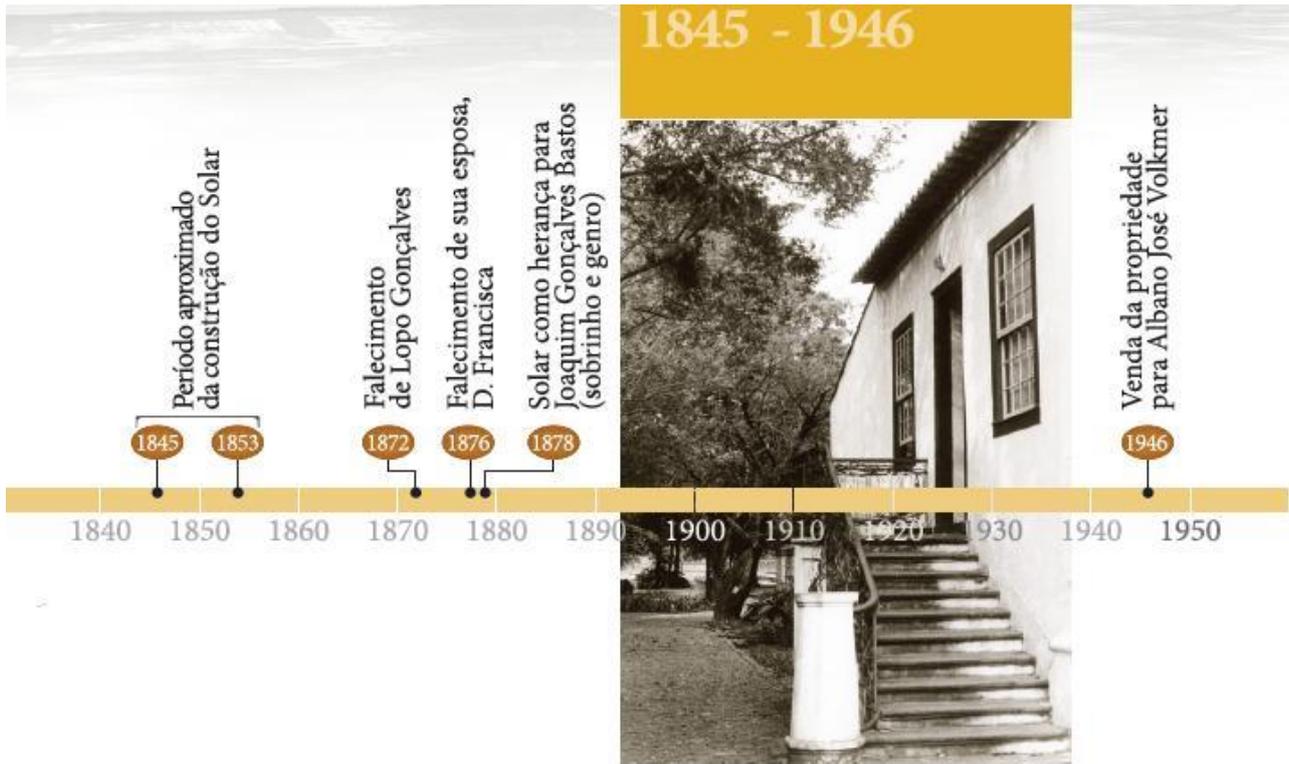
Fonte: Fotografia do banco de dados do Museu. Fotógrafo desconhecido.

Ao analisar o catálogo da exposição, notei imediatamente uma integral reprodução dos textos e imagens utilizados nas paredes do Solar. A diagramação das imagens nas páginas do catálogo apresenta-se da mesma forma como na mostra. No entanto, não consta no catálogo, informações ou descrições sobre a concepção expográfica da mostra, impedindo o leitor de ter informações escritas e/ou visuais sobre os objetos expostos, sobre a disposição do mobiliário e sobre o local ocupado pela mesma no Solar. Essa característica é recorrente nas duas exposições anteriores.

Como já mencionado, as possibilidades de linguagem e relação de uma publicação nos moldes de um catálogo se diferem das possibilidades de mesmo cunho em uma produção museográfica em sala expositiva de um Museu. Tendo isso em mente, busquei observar as diferenciações entre ambas, mesmo que singelas neste caso. O primeiro elemento que difere catálogo e exposição é a inserção de três reproduções de imagens fotográficas (Figuras 13 a 15) na linha do tempo da publicação, retratando espaços diferentes do Solar (escadaria de entrada, entrada do pátio externo com torreão em

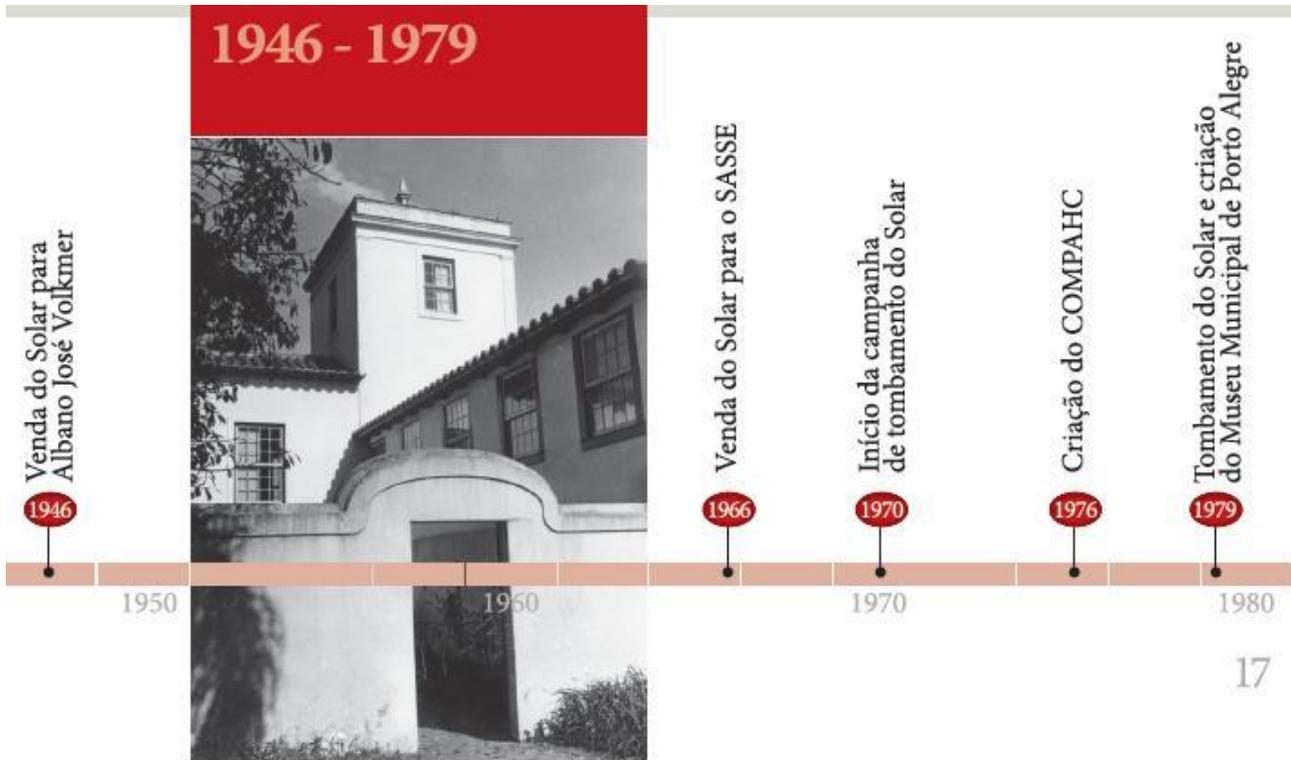
perspectiva e o porão da casa). O olhar constante e relacional entre a linha do tempo e os textos e imagens, possibilitado pela espacialidade da exposição eliminou a necessidade de serem inseridas imagens diretamente na linha do tempo. Já no catálogo, como a linha do tempo apresentada foi dividida em três páginas distintas (página 6, página 17 e página 20), onde não interagem espacialmente com os demais conteúdos, gerou a opção em inserir novas imagens nas mesmas.

Figura 13: Primeira parte da linha do tempo presente no catálogo, página 6



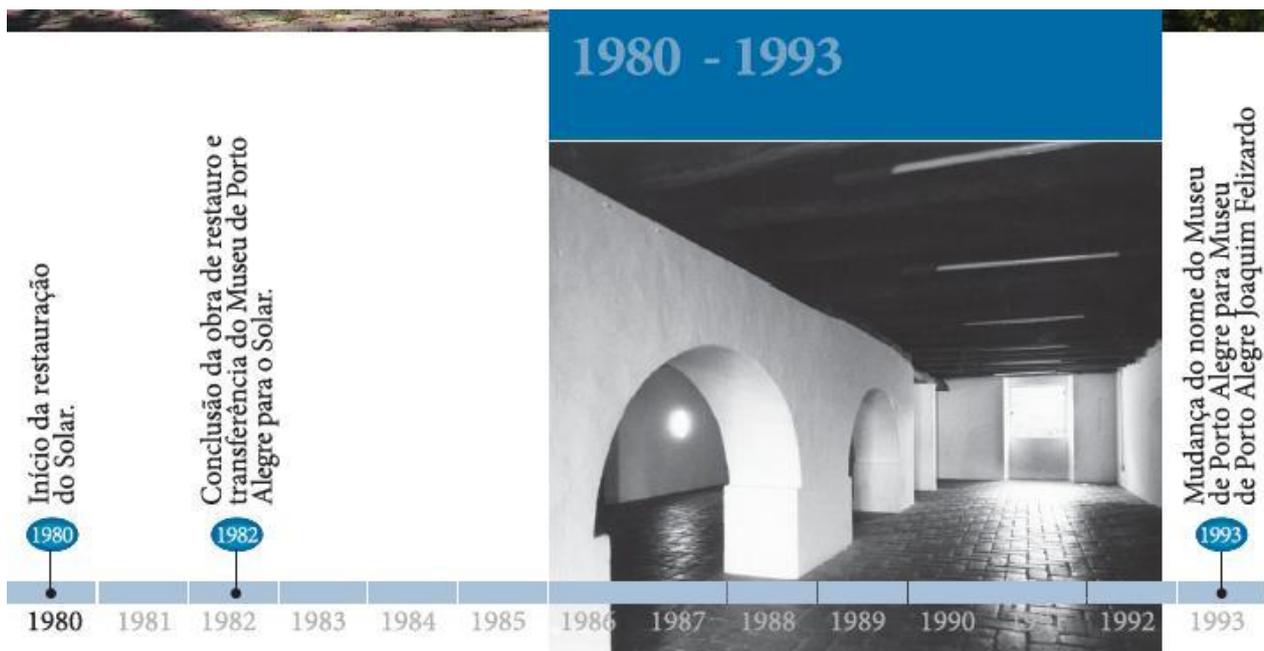
Fonte: Linha do tempo extraída do catálogo da exposição *O Solar que Virou Museu*

Figura 14: Segunda parte da linha do tempo presente no catálogo, página 17



Fonte: Linha do tempo extraída do catálogo da exposição O Solar que Virou Museu

Figura 15: Terceira parte da linha do tempo presente no catálogo, página 20



Fonte: Linha do tempo extraída do catálogo da exposição O Solar que Virou Museu

A ausência mais relevante notada no cruzamento dos materiais é a presença na exposição da maquete tridimensional. Não consta menção da mesma no catálogo. Ao averiguar essa ocorrência fui informado que a maquete não foi concebida com a exposição e que é, inclusive, de confecção anterior à mesma. Embora hoje ela ocupe centralidade fundamental do ponto de vista expográfico.

De maneira geral, a exposição *O Solar que virou Museu* segue narrativa amplamente biográfica, operando através de pontos fortes e pontos fracos da personalidade, que é o Solar. Como pano de fundo são ressaltadas personalidades que estiveram em meio a esta trajetória em distintos tempos históricos. Projetada e concebida em uma administração diferente das duas exposições descritas e analisadas anteriormente neste trabalho, para além de construir uma abordagem sólida sobre o Solar imbui em sua narrativa o próprio Museu enquanto organismo vivo, possuindo uma trajetória, uma composição e uma perspectiva de futuro.

Ter sido inserida em uma sala de ingresso do público ao percurso expositivo atribui-lhe quase função de um grande cartão de visitas que opera muito bem ao situar o visitante e o Museu. Seu principal problema é o limitado espaço físico no qual está inserida, além de ter fundido a sala de entrada geral do Museu e a primeira sala expositiva. Esse aspecto acaba inserindo diretamente o público em ambiente expositivo com inúmeros elementos narrativos logo ao ingressar no Solar. Quanto ao limitador de espaço físico, inúmeras estratégias são bem-sucedidas do ponto de vista material, como a baixa incidência de acervo, o que minimiza corretamente a utilização de vitrines maiores, ocasionando um bom rendimento de espaço,

Os textos e representações visuais, por sua vez, não seguem a mesma linha da baixa incidência. Desse modo, os textos tomam para si o papel da construção narrativa, conferindo à exposição um tom altamente livresco com seus pontos altos e pontos baixos ao longo de suas “páginas”. E talvez esta marca seja fundamental para observarmos a integral semelhança entre o catálogo e a exposição, característica que se difere dos dois exemplos anteriormente vistos. *O Solar que virou museu* aparenta muito mais ser uma publicação que foi traduzida expograficamente do que uma exposição que foi transposta para a linguagem de publicação, principalmente ao observarmos a sua disposição espacial e a sua linguagem textual.

De maneira geral, a mostra exerce função fundamental dentro dos objetivos traçados para o Museu, sendo um resgate traduzido expograficamente da reflexão sobre a intersecção entre museu e Solar e da valorização de ambos enquanto patrimônios da

cidade. Além de ter dado continuidade à consolidação até os dias de hoje a mais um espaço do Solar enquanto sala expositiva.

Para concluir este capítulo, considero que as exposições de longa duração do Museu de Porto Alegre, e no cenário dos museus em geral, sempre foram frutos de mobilização geral e de árduo trabalho realizado por sua equipe. O prolongado esforço em sua realização e o seu amplo potencial de interação com o público fez com que sempre ocupassem um papel fundamental de exteriorização da reflexão pelas quais a Instituição passava e fossem os carro-chefe das novas perspectivas.

Porto Alegre uma História em 3 tempos teve como característica ter sido um processo de concepção pensado exaustivamente e conjuntamente por inúmeros profissionais de diferentes áreas. Conseguiu dar um norte satisfatório para a instituição e apresentá-lo ao público. Especulo que seu principal problema tenha ficado a cargo do âmbito político de sua realização, pois a mesma não conseguiu integralmente alinhar um estilo e tom expográfico para o Museu para além do momento em que esta foi realizada.

Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montauray a Loureiro marca muito bem uma virada de página dentro da Instituição. No entanto, desconsiderou aspectos relevantes que já haviam sido incorporados à prática expositiva do Museu e que estavam em consonância com as abordagens teóricas e metodológicas mais contemporâneas da museologia enquanto ciência. Observar sua trajetória, através dos diversos documentos analisados, foi fundamental para poder refletir sobre seus pontos fortes e pontos fracos. É possível observar que a exposição pode ser compreendida na sua concepção inicial de uma determinada maneira e, atualmente, de outra forma. Ou seja, hoje, são várias exposições, originadas de suas próprias características, analisadas aqui. Do ponto de vista administrativo, tenho indícios para crer que a exposição está em sua reta final, servindo hoje quase como um retrato imediato do “Museu de Porto Alegre ontem”.

O Solar que Virou Museu: memórias e histórias, embora muito curta, opera enquanto uma espécie de módulo fundamental para a apresentação da Instituição em dispositivo expográfico. Tem sua autonomia, no entanto, ao ganhar este destaque por conta de atualmente dividir o percurso expositivo do Museu com a exposição *Transformações Urbanas*, que não apresenta em nenhum aspecto o conteúdo trabalhado aqui. Desse modo, complementa inúmeros aspectos não contemplados pela outra exposição. A possibilidade de montagem desta exposição quatro anos após a abertura de *Transformações Urbanas*, talvez possa ser grande trunfo a ser ainda mais utilizado pelo

Museu de Porto Alegre daqui para a frente, pois esse intervalo de tempo permitiu uma reflexão sobre as lacunas a serem preenchidas e a decisão sobre a nova exposição.

Os catálogos das três são bons exemplares de seu conteúdo. No entanto, pecam no que diz respeito ao seu planejamento e montagem, sendo o catálogo da exposição *O Solar que virou Museu: memórias e histórias* o mais problemático neste sentido. A partir disso, uma preocupação imediata do Museu ao registrar o planejamento e execução de suas exposições de longa duração deve ser tomado, traduzindo isso para o público através da produção de seus catálogos.

Embora ainda não possamos afirmar que o Museu de Porto Alegre possua uma tradição expográfica, seja por conta de um estilo de expor, seja pela incidência de suas realizações deste cunho, posso afirmar que as realizações de longa duração traduzem muito bem o momento pelo qual a instituição estava atravessando durante sua concepção e desenvolvimento. Neste sentido, destaca-se a exposição *Porto Alegre em 3 tempos* por possuir um artigo publicado sobre sua realização e a exposição *Transformações urbanas: Porto Alegre de Montauray a Loureiro* pela constante reformulação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível verificar ao longo deste estudo a aliança no intuito de preservar, museografar e ressignificar foram os elementos chave na concepção do Museu de Porto Alegre. Estes três elementos foram traduzidos na estrutura da instituição em exposições ao longo de toda a sua trajetória, sendo o principal meio de diálogo e relação com a sociedade que o cerca. Com o tempo, as mesmas acabaram assumindo papel de demarcação em contextos organizacionais e políticos que puderam ser identificados dentro e fora de suas fronteiras institucionais.

Em sua etapa inicial, destaca-se a efetividade e potencialidade da relação entre o Museu e o Solar Lopo Gonçalves, tendo sua aproximação promovida através de personagens vinculados ao Movimento Preservacionista que sob uma ótima visionária convergiram duas pautas em uma única frente na política cultural de Porto Alegre. Por este motivo, aliado a sua singularidade, seus significados e sua trajetória o Solar talvez seja o principal acervo do Museu, conferindo ao mesmo uma marca e uma série de particularidades que hora podem ser observadas enquanto positivas e ora podem ser observadas enquanto desafios no cotidiano institucional. Sobre essas particularidades aprofundarei logo em seguida sua agência no que tange às exposições.

Nas últimas duas décadas se efetivaram as exposições de longa duração enquanto instrumento base do Museu. Sobretudo ao considerarmos o Museu um espaço cultural da cidade, ferramenta para os cidadãos rememorarem e reconstruírem sua relação com a história da Capital gaúcha e seus personagens. Lugar que possa fornecer elementos que potencializem o processo de maturação política e social suficientemente a ponto de promover uma transformação autônoma nesses âmbitos.

No entanto, sobre este discurso mais amplo do ser museu, a constante oscilação entre os métodos e enfoques teve mais a demonstrar sobre um amadurecimento do Museu enquanto instituição. Do ponto de vista museológico, não pôde ser observado um avanço progressivo e homogêneo. Levaram-me a essa afirmativa as inúmeras perspectivas de montagem, que incidiram diretamente na lembrança de pontos em certos momentos e na desconsideração aos mesmos em outros. E, principalmente, os diferentes e divergentes paradigmas da historiografia utilizados como base em um reduzido espaço de tempo.

É necessário destacar que verifiquei ao longo do processo de pesquisa que os documentos produzidos para e a partir das exposições são muito incipientes – mesmo

também tendo verificado que as exposições são as atividades com maior volume documental dentro da Instituição. Em nenhum dos casos observado nos últimos 20 anos consegui levantar elementos que indicassem uma reconstrução do processo expositivo em sua plenitude. Ao levar este fato em consideração, refleti sobre os objetivos iniciais traçados para esta pesquisa, decidi então por dar enfoque maior na parte da descrição das exposições de longa duração, de modo a registrá-las, em detrimento à análise mais extensa das mesmas, entendendo, a partir desta realidade, que o produto final deste processo de investigação possa vir a contribuir com uma melhoria efetiva no cotidiano do Museu.

Assim, busquei através dos documentos que consultei – catálogos das três exposições analisadas, relatos de três profissionais que estiveram na instituição durante o período de recorte do trabalho, artigo publicado sobre a exposição de longa duração mais antiga e visualização presencial das exposições de longa duração mais recentes – registrar e interpretar este percurso da maneira mais adequada possível

No contexto de concepção da exposição *Porto Alegre uma história em 3 tempos*, foi possível notar que a instituição atravessava uma grande repaginada em suas perspectivas, buscando atrelar-se mais aos fins de um Museu de Cidade. A exposição agiu enquanto elemento central deste processo e sua exteriorização ao público. Em seus elementos de montagem aparecem como grandes pontos o Guaíba, o Solar Lopo Gonçalves e, de forma mais contundente como norte da atividade, a formação da capital gaúcha, tendo como ponto alto firmar uma identidade ao Museu e ao trabalhar inúmeras problemáticas históricas que estão imbricadas no processo de reconstrução dessa trajetória.

A exposição *Transformações Urbanas Porto Alegre de Montauray a Loureiro* ilustra perfeitamente, da mesma forma como a exposição anterior, o contexto de transformação atravessado pela instituição. Contudo, como aspecto negativo, seus materiais que podem diretamente relacionados não são suficientes para se ter um panorama completo de sua concepção, o que me faz ter o receio no âmbito desta pesquisa de talvez não ter compreendido e contemplado suas plenitudes semântica e operacional. A mesma foi uma atividade que teve como reflexo uma necessidade que não pôde ser explicada através do cotidiano do Museu, configurando-se por sua vez enquanto uma demanda externa, oriunda da Coordenação de Memória da Secretaria de Cultura. Seu principal objetivo frente à rotina institucional e frente ao seu público parece ter sido demarcar uma nova etapa no cotidiano do Museu, objetivo este que foi alcançado.

No entanto, observando a exposição hoje, oito anos após a sua inauguração, posso afirmar que essa demarcação contundente promovida pela gestão do período não pode ser encarada como positiva para o cotidiano operacional da Instituição, à medida em que o corpo técnico não se sentiu representado em sua concepção e o tom adotado em sua narrativa sobre a cidade dá um passo atrás no que tange à abordagem de problemáticas históricas e conferir continuidade à forma e ao conteúdo das exposição no Museu de Porto Alegre. Sua orientação no espaço físico diminuiu o número de salas expositivas e inferiu uma nova lógica de continuidade às mesmas. Neste processo, ter fechado a entrada principal do Solar e delegar à entrada do pavimento térreo essa função foi o aspecto mais prejudicial às suas aspirações enquanto mostra de longa duração. Em um curto espaço de tempo os incidentes e descontentamentos gerados a partir dessa reorientação do acesso fundamentou argumentos que foram suficientes para que se desmontasse a sua primeira sala expositiva. Este precedente gerou um incontável número de adições, supressões e realocação de acervos e materiais na exposição, o que torna inviável saber sobre a sua exata composição ao longo de cada um dos seus anos. Duras cicatrizes oriundas de uma inserção brusca no contexto organizacional do Museu que acabam ficando a cada dia mais evidentes na exposição *Transformações urbanas*.

Já como uma retomada surge em 2011 a exposição *O Solar que Virou Museu: memórias e histórias*, essa retomada se dá tanto no aspecto conceitual concernente ao Museu, quanto no aspecto prático da expografia inserida no mesmo. As exposições de curta duração desde o início da abertura do Museu ao público sempre foram responsáveis pela exteriorização de necessidades expográficas que eram notadas pela equipe, seja para expor algum acervo, seja por uma questão temática, seja pelo culminância de um projeto. O problema aqui é que a partir do final do ano de 2006 com o processo de reforma estrutural do Museu e que derivou na reabertura da exposição anteriormente debatida no ano de 2007, todos os espaços do Solar Lopo Gonçalves foram otimizados seja em percurso expositivo e salas de trabalho administrativo, sendo o Torreão o único espaço a ficar fechado por conta de periculosidade no acesso ao local.

Essas configurações ocasionaram a perda de um espaço cativo do Museu para receber as exposições de curta duração. Este aspecto, os pontos fracos debatidos na exposição *Transformações Urbanas* e a progressiva necessidade evidenciada pela equipe do Museu em retomar a figura do Solar enquanto marca do Museu através de suas trajetórias foram as principais justificativas de sua concepção. Ter surgido a partir de um planejamento que teve como prévia a sinalização de uma problemática na rotina da instituição conferiu à mostra um tom muito preciso e um conteúdo muito consistente no

que tange sua proposta. Com um visual arrojado age como uma resposta bem concisa e bem formatada para uma pergunta recorrente. Em uma visão geral sobre a trajetória do Museu destaca-se a retomada da intersecção entre Museu e Solar que por sua vez só tem a valorizar ambos.

Ao longo deste processo de pesquisa no qual me debrucei sobre a prática expositiva dos últimos 20 anos do Museu pude concluir que esta traduziu um profundo processo de amadurecimento da estrutura institucional. Ora problemáticas foram levantadas e trabalhadas, ora foram levantadas e silenciadas sem uma indicação iminente de desfecho. Destacaram-se, neste período, os condicionantes políticos-administrativos como demandas centrais dentro da prática expositiva, condicionantes que a instituição está à mercê por figurar dentro de um sistema mais amplo que é caracterizada como administração pública. Parece-me que hoje a principal preocupação do Museu de Porto Alegre, neste âmbito, deva ser a qualificação da memória dessas atividades, conferindo-lhes um tom mais profissional e transparente, ressaltando seus objetivos, fortalecendo suas justificativas e registrando detalhadamente os passos dados pelo projeto. Estas memórias podem ser ao longo do tempo utilizadas com precisão pelo corpo técnico da instituição no planejamento de novas mostras e atividades, vindo a viabilizar um avanço necessário no debate de pautas que estão estagnadas (ou nunca foram sequer abordadas) enquanto problemáticas do Museu de Porto Alegre. Além disso, podem conferir, através do tempo, uma marca expositiva de um museu de cidade.

REFERÊNCIAS

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional**. São Paulo: Editora UNESP/ Museu Paulista, 2005.

CHAGAS, Mario. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS, 2., 2000, Rio de Janeiro. **Caderno de textos e resumos**. Rio de Janeiro: NOPH/MINOM/ICOFOM LAM, 2000. p.12-17.

CURY, Marília Xavier (org.). **Resumos do Encontro de Profissionais de Museus: a comunicação em questão: exposição e educação; propostas e compromissos**. São Paulo: MAE/USP/STJ. 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus : Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v.2, p.9-42, jan./dez. 1994.

MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO. **O Solar que virou Museu: memórias e histórias (2011 - até dias atuais)**. 2011. Exposição.

_____. **Porto Alegre: uma história em 3 tempos**. Porto Alegre: SMC, 1998. [Catálogo].

_____. **Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro (2007 - até dias atuais)**. 2007. Exposição.

_____. **Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro (2007 - até dias atuais)**. Porto Alegre: SMC, 2008. [Catálogo].

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: Est Edições, 2001a.

_____. Um museu de cidade: o caminho do Museu de Porto Alegre. In: _____. **A memória Cultural em uma cidade democrática**. Porto Alegre: SMC, 2001b. p.63-74.

POULOT, Dominique. A memória inspiradora. In: _____. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XIX**. Do monumento aos valores. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**, Rio de Janeiro, v.3, n.4-5, 2013. Disponível em: <http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera45/conteudo_rep_tscheiner.htm>. Acesso em: 10 abr. 2013.

ANEXOS

ANEXO A – Convite para a 9ª Primavera dos Museus no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

9ª PRIMAVERA DOS MUSEUS

MUSEUS E MEMÓRIAS INDÍGENAS

21 A 27 DE SETEMBRO

INSCRIÇÕES

cidaalliano@smc.prefpoa.com.br



MUSEU DE PORTO ALEGRE
JOAQUIM FELIZARDO

A PARTIR DE 21 DE SETEMBRO
(In)VISIBILIDADES DOS POVOS INDÍGENAS EM PORTO ALEGRE:
Intervenções na exposição 'Transformações Urbanas'

22 DE SETEMBRO
19h | **PAINEL 'A PRESENÇA INDÍGENA EM PORTO ALEGRE'**
Arqueologia e os sítios pré-coloniais em Porto Alegre
Fernanda Tocchetto (Museu de Porto Alegre)
e Alberto de Oliveira (Terra Brasilis Consultoria)
Arqueologia Guarani no Lago Guaíba: refletindo sobre a territorialidade e a mobilidade pretérita e presente
Adriana Dias (UFRGS)
Territórios e Povos Originários (Des)velados na Metrópole de Porto Alegre
José Catafesto de Souza (UFRGS)

24 DE SETEMBRO
19h | **PALESTRA 'EXPRESSÕES PERFORMÁTICAS DE UM MODO DE SER COSMO-SÔNICO'**
Marília Stein (UFRGS)

26 DE SETEMBRO
14h | **PAINEL "OS BRANCOS"**
Vherá Poty Benites da Silva e Angélica Ninhpryg Kaingang
Mediação de Luiz Fernando Caldas Fagundes (SAPIDE/SMDH)

15h | **PIQUENIQUE CULTURAL NO MUSEU**
Venda de artesanato Mbyá-Guarani e apresentação do coral Nhamandú Nhemõpu'ã, da aldeia Guarani Tekoá Pindó Mirim.
*serão recebidos alimentos não perecíveis para doação à aldeia Tekoá Pindó Mirim





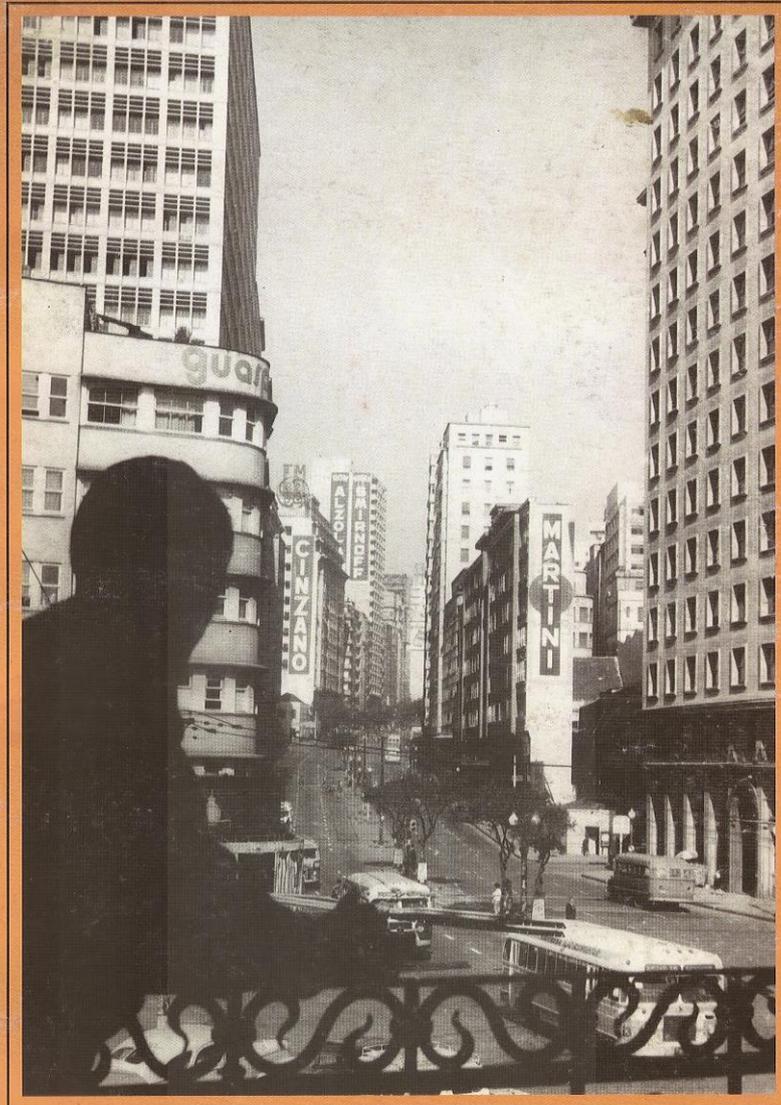




**ANEXO B – Capa do catálogo da exposição Porto alegre uma história em 3
tempos**



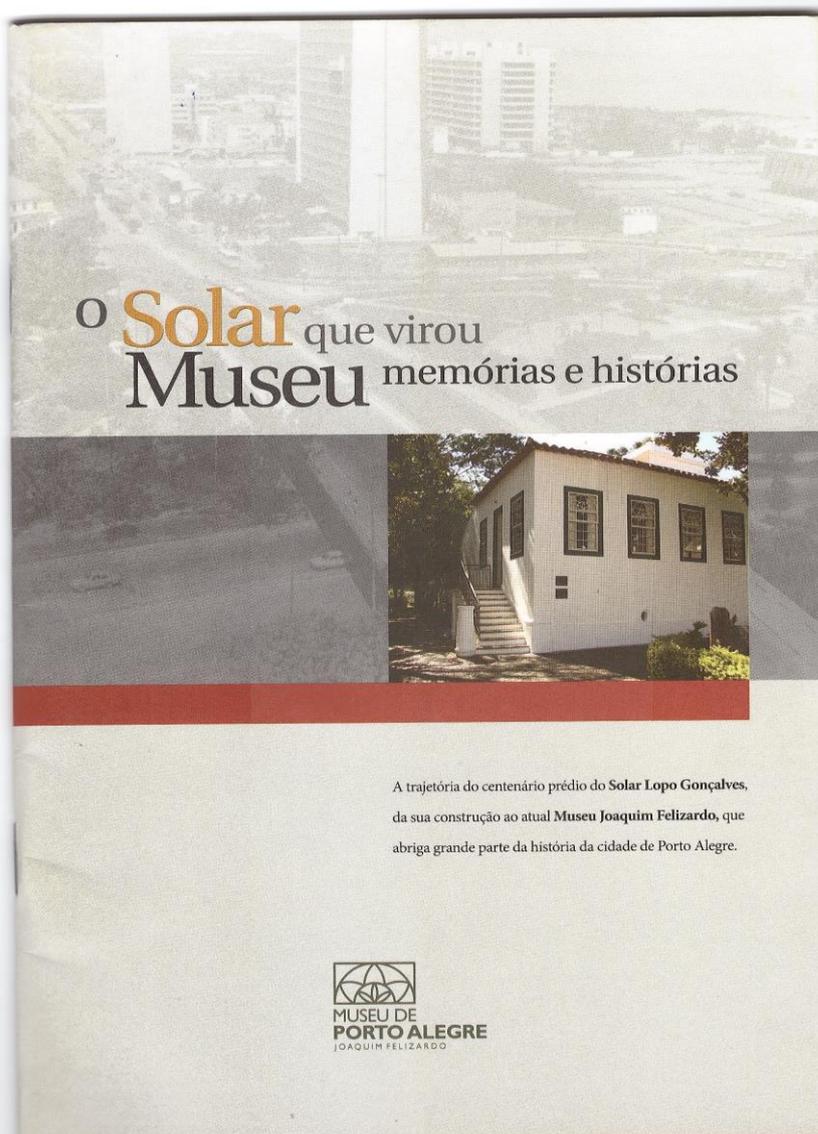
ANEXO C – Capa do catálogo da exposição Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro



TRANSFORMAÇÕES URBANAS
Porto Alegre de Montaury a Loureiro

CATÁLOGO

**ANEXO D – Capa do catálogo da exposição O Solar que Virou Museu:
memórias e histórias**



APÊNDICES

APÊNDICE A – CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO**CONSENTIMENTO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, _____, RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo: *MUSEU, EXPOSIÇÃO E CIDADE:: : O caso do Museu Joaquim Felizardo, Porto Alegre, RS*, como sujeito colaborador. () Permitindo que meu nome verdadeiro seja citado. () Não permitindo que meu nome verdadeiro seja citado. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Welington Ricardo Machado da Silva sobre a pesquisa e seus procedimentos. Recebi uma cópia do termo.

Local e data

Assinatura

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

1. Apresentação (nome, idade, profissão...)
2. Há quanto tempo trabalha no museu? desde quando?
3. Como veio trabalhar no museu?
4. O que você lembra da montagem das exposições de longa duração?
5. O que você lembra do Museu antes da exposição Porto Alegre em 2 tempos?
6. Fale da exposição Porto Alegre em 3 Tempos. Como foi o processo de concepção e montagem: discussão em equipe; definição dos espaços; definição dos temas; escolha do acervo; elaboração textos; conflitos e debates?
7. Fale da Exposição Transformações Urbanas. Como foi o processo de concepção e montagem: discussão em equipe; definição dos espaços; definição dos temas; escolha do acervo; elaboração textos; conflitos e debates?
8. A adição de conteúdo no catálogo foi algo intencional? Qual intenção?
9. Fale da exposição O Solar que virou museu. Como foi o processo de concepção e montagem: discussão em equipe; definição dos espaços; definição dos temas; escolha do acervo; elaboração textos; conflitos e debates?
10. Lembra da abertura das exposições?
11. Aspectos a serem destacados nas 3 exposições? Mudou algo no seu cotidiano de trabalho com a transição entre as exposições?